



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**PRÁTICAS DE ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO:
INCURSOS NA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
CAMPINA GRANDE – PB**

MARIA CÉLIA DO NASCIMENTO

CAMPINA GRANDE – PB

2014

MARIA CÉLIA DO NASCIMENTO

**PRÁTICAS DE ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO:
INCURSOS NA REDE PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
CAMPINA GRANDE – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras –
Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244p Nascimento, Maria Célia do.

Práticas de escrita de alunos do ensino médio [manuscrito] :
inursos na rede pública do município de Campina Grande-PB. /
Maria Célia do Nascimento. - 2014.

73 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Manassés Moraes Xavier,
Departamento de Letras".

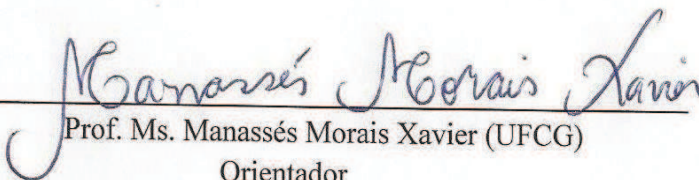
1. Escrita. 2. Aprendizagem. 3. Leitura. 4. Ensino Médio. I.
Título.

21. ed. CDD 373.2

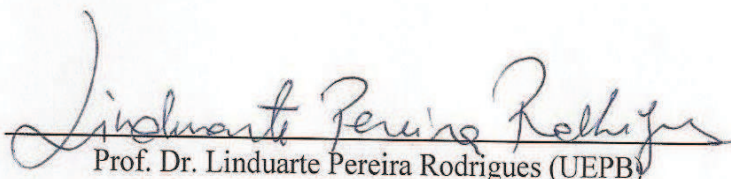
PRÁTICAS DE ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: INCURSOS NA REDE
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE
CAMPINA GRANDE – PB

MARIA CÉLIA DO NASCIMENTO

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier (UFCG)
Orientador

NOTA: 10,0


Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues (UEPB)
Examinador

NOTA: 10,0


Profª. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)
Examinadora

NOTA: 10,0

Trabalho aprovado em: 17 de fevereiro de 2014

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB

2014

A Deus, que guia os meus passos em todos os momentos.

Aos meus pais, Raimundo e Nalva.

As minhas irmãs, Marcela e Fátima.

Ao meu noivo, Lucinaldo Costa.

Aos meus amigos.

Ao meu orientador, Prof. Ms. Manassés Morais Xavier.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre me guiou, iluminou as minhas escolhas e me deu forças para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, Raimundo e Nalva, que me ensinaram o caminho do bem e me apoiaram em todos os momentos, acreditando sempre na minha capacidade.

As minhas irmãs, Marcela e Fátima, por terem me ajudado e dado forças para a realização deste trabalho.

Ao meu noivo, Lucinaldo Costa, pelo companheirismo e suas palavras de incentivo.

Aos meus amigos e familiares que, de forma direta ou indireta, me ajudaram durante todo o curso.

Aos professores da UEPB com os quais estudei, pelos ensinamentos ao longo da graduação.

Ao meu orientador Manassés Moraes Xavier, pela paciência, apoio, ideias, dedicação e incentivo que me foi dado durante todo o processo de produção desta monografia.

À Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, na pessoa da gestora Maria de Fátima Andrade de Holanda Albuquerque, e aos alunos participantes por terem me permitido coletar os dados fundamentais para a minha pesquisa.

Aos professores da banca examinadora, Linduarte Pereira Rodrigues e Roberta Soares Paiva, pela relevante contribuição oriunda da leitura crítica desta monografia.

Aos amigos da graduação do curso de Letras, em especial Gerlândia Andrade, Fernanda Silva e Damião Souza, que foram companheiros fieis e dividiram comigo todos os momentos bons e difíceis do curso.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram para esta conquista na minha vida – a conclusão do curso de Letras-Língua Portuguesa.

Muito obrigada!

As pessoas não nascem educadores, se tornam educadores, quando se educam com o outro, quando produzem a sua existência relacionada com a existência do outro, em um processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento mediante um projeto existencial e coletivo de construção humana.

(FELDMANN, 2009)

RESUMO

Considerando a escrita como uma atividade interativa, a presente pesquisa, caracterizada como descritiva vinculada ao estudo de caso e de natureza qualitativa, surge da necessidade de responder a seguinte questão-problema: Como se constituem as práticas de produção textual dos alunos que estão cursando a 3ª série do Ensino Médio em uma escola pública localizada na cidade de Campina Grande? Dentre os objetivos, destacamos: verificar o que os alunos compreendem por leitura e se possuem o hábito de ler; analisar as práticas de escrita e reescrita dos alunos; observar com qual concepção de escrita estão familiarizados, o entendimento que possuem acerca de gênero textual e sobre a relação entre leitura e escrita. Para a coleta de dados, utilizamo-nos do questionário que foi aplicado com alunos da 3ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, Campina Grande-PB. O questionário foi aplicado no dia 18 de Setembro de 2013 e aborda temas como escrita, leitura, reescrita e gêneros textuais. A pesquisa teve contribuições teóricas de autores como Bronckart (2006; 1999), Bazerman (2007), Garcez (2004), Antunes (2003), Moita Lopes (2009), Pereira (2010a; 2010b; 2009), Marcuschi (2003), dentre outros. Os resultados nos permitem afirmar que os alunos participantes não possuem práticas de escrita e leitura satisfatórias e adequadas ao seu nível de ensino, concluintes do Ensino Médio, pois, através da análise dos dados, constatamos que esses alunos não reescrevem adequadamente os textos, além de não possuírem conhecimentos que os permitam formular conceitos acerca de escrita, leitura e gêneros textuais. Logo, eles não concebem a escrita como um processo interativo. Neste sentido, os resultados alcançados alertam para a urgência em rever as práticas de ensino, ao mesmo tempo em que indicam a necessidade de pesquisas sobre o ensino-aprendizagem da escrita que possam nortear a metodologia do professor, o qual, por sua vez, precisa estar em constante aprendizado e inserido em cursos de formação continuada, visando à união da teoria com a prática e, com isso, a realização de um trabalho significativo, capaz de formar cidadãos que saibam adequar as práticas de escrita aos diversos momentos de interação e, desse modo, possam participar ativamente da sociedade.

Palavras-chave: Escrita. Ensino-aprendizagem da escrita. Práticas de ensino.

ABSTRACT

Whereas writing as an interactive activity, the present study characterized as descriptive linked to case study and qualitative in nature, arises from the need to answer the following question-problem: As are the practices of textual production of students who are enrolled in the 3rd year of high school in a public school located in the city of Campina Grande? Among the objectives, include: to determine what students understand by reading and have a habit of reading, to analyze the practices of writing and rewriting of students; observe which are familiar conception of writing, the understanding that they have about genre and on the relationship between reading and writing. For data collection, we use them in the questionnaire that was applied with students of the 3rd year of High School State Elementary School and Middle Assis Chateaubriand, Campina Grande-PB. The questionnaire was applied on September 18, 2013 and addresses topics such as reading, writing, rewriting and textual genres. This research has theoretical contributions of authors like Bronckart (2006; 1999), Bazerman (2007), Garcez (2004), Antunes (2003), Moita Lopes (2009), Pereira (2010a; 2010b; 2009), Marcuschi (2003), among others. The results allow us to affirm that participants do not have students practice writing and satisfactory and appropriate to their grade level reading, since they are graduating from high school, because, through data analysis, found that these students did not adequately rewrite the texts, and do not have skills that allow them to formulate concepts about reading, writing and textual genres, so they do not conceive of writing as an interactive process. In this sense, the results achieved warn of the urgency of reviewing teaching practices, while indicating the need for research on the teaching and learning of writing that may guide the methodology of the teacher, which in turn, is in need constant learning and inserted in continuing education courses, aimed at union of theory and practice and thus the achievement of meaningful work, capable of forming citizens who can adapt the practices of writing the different moments of interaction and thus can participate actively in society.

Keywords: Writing. Teaching and learning of writing. Teaching practices.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Distribuição dos alunos por faixa etária.....	15
GRÁFICO 02 – Distribuição dos alunos pelo gênero sexual.....	15
GRÁFICO 03 – Frequência de leitura dos alunos.....	35
GRÁFICO 04 – Motivos da leitura dos alunos.....	36
GRÁFICO 05 – Frequência das visitas dos alunos à biblioteca da escola.....	37
GRÁFICO 06 – Frequência das solicitações de produção escrita feitas pelo professor.....	39
GRÁFICO 07 – Concepção de escrita dos alunos.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I- ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	12
1.1 A natureza da pesquisa.....	12
1.2 Etapas da pesquisa.....	13
1.3 Os sujeitos envolvidos e a constituição do <i>corpus</i> para a análise.....	14
1.3.1 Sobre os alunos informantes.....	15
1.3.2 A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand.....	16
CAPÍTULO II- UM OLHAR SOBRE AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS.....	18
2.1 O que é Linguística Aplicada (LA)?.....	18
2.2 O Interacionismo Sociodiscursivo: reflexões necessárias.....	20
2.3 Leitura e escrita: uma relação indissociável.....	22
2.4 A escrita: concepções.....	24
2.4.1 O ensino da escrita	26
2.4.2 A relevância da reescrita nas atividades de produção textual.....	27
2.5 Os gêneros textuais e o ensino da escrita.....	29
2.6 A formação do professor na atualidade.....	32
CAPÍTULO III-AS PRÁTICAS DE ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.....	34
3.1 Práticas de leitura dos alunos.....	34
3.2 Um olhar sobre as práticas de escrita e reescrita.....	38
3.2.1 Concepções de escrita.....	41
3.3 O conhecimento sobre os gêneros textuais.....	44
3.4 A relação entre leitura e escrita.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXOS.....	54
Anexo A – Termo de Consentimento livre e esclarecido.....	55
Anexo B – Questionários socioculturais respondidos.....	58

INTRODUÇÃO

O domínio das habilidades de leitura e escrita é fundamental para a inserção social e para a intervenção nas esferas do poder, uma vez que convivemos com textos orais e escritos no dia a dia. Sendo assim, o ensino da escrita, atrelado à prática de leitura, deve ser uma prática contínua nas escolas, mais especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, visto que, na instituição de ensino, o educando precisa ter contato com os mais variados textos e com atividades constantes de leitura e produção textual.

Para a aprendizagem da escrita, a leitura é essencial, pois o hábito de ler contribui significativamente para o crescimento do aluno enquanto escritor, visto que a leitura, dentre muitos benefícios, aumenta o vocabulário, melhora a ortografia, contribui para o desenvolvimento da persuasão e do poder de argumentar, amplia o conhecimento de mundo, que é essencial para a realização de um bom texto, ou seja, a leitura aproxima o aluno com a escrita e contribui para que ele escreva cada vez melhor.

No processo de ensino-aprendizagem da escrita, um fator de extrema relevância é a reescrita, pois só revisitando e analisando o texto atenciosamente o aluno torna-se crítico do próprio trabalho e, com isso, é capaz de superar as dificuldades, realizando um processo de construção e desconstrução da sua produção textual, visando desenvolver as habilidades de ler, compreender e produzir os diferentes textos que circulam na sociedade.

Considerando a relevância do ensino-aprendizagem da escrita, essa pesquisa pretendeu responder a seguinte questão-problema: Como se constituem as práticas de produção textual dos alunos que estão cursando a 3ª série do Ensino Médio em uma escola pública localizada na cidade de Campina Grande?

Partindo dessa problemática, temos como objetivo geral analisar quais são as práticas de produção de texto desses alunos. Em relação aos objetivos específicos, destacamos: analisar o que os estudantes entendem por leitura, com que frequência e para que leem; analisar, através das respostas obtidas no questionário aplicado, se os alunos informantes produzem muitos textos em sala de aula e se costumam reescrevê-los; observar como definem a escrita e com qual concepção de escrita eles estão familiarizados. Verificaremos, também, o que os alunos entendem sobre gênero textual e sobre a relação entre leitura e escrita.

Mediante tais objetivos, este trabalho surge da necessidade de observar quais são as práticas de escrita dos discentes concluintes da educação básica, ponderando a relevância e a necessidade de desenvolver no aluno o hábito de ler e escrever e, com isso, torná-lo um aluno escritor. Para isso, faz-se necessária uma prática de ensino que dê prioridade às atividades de

leitura, escrita, reescrita e aos gêneros textuais, pois tudo que lemos ou escrevemos é através de um gênero textual oral e/ou escrito.

Portanto, a relevância desta pesquisa reside no fato de que a prática constante da leitura, escrita e reescrita pode contribuir muito para a formação do aluno, enquanto leitor e escritor competente, assim como um ser humano ativo e desenvolvido discursivamente, pois devemos “reconhecer que pela escrita participamos mais do mundo” (GARCEZ, 2004, p. 11).

Para a realização deste trabalho, adotamos como embasamento teórico o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) defendido por Bronckart (2006; 1999), assim como as contribuições de autores como Bazerman (2007), Garcez (2004), Antunes (2003), Pereira (2010a; 2010b; 2009), Moita Lopes (2009), dentre outros.

Este trabalho está dividido em cinco partes: esta introdução, três capítulos e as considerações finais. O 1º capítulo, denominado de “Aspectos metodológicos”, aborda algumas questões relevantes no que concerne à realização desta pesquisa. Neste capítulo, explanamos o tipo de pesquisa utilizado, fundamentamos o que é pesquisa científica, apresentamos o *corpus* de estudo e contextualizamos os dados da pesquisa, como a escola escolhida e os alunos informantes.

No 2º capítulo, “Um olhar sobre as concepções teóricas”, encontra-se a fundamentação teórica que serve de base para a análise dos dados. Neste momento, elencamos algumas características sobre a Linguística Aplicada, o Interacionismo Sociodiscursivo, as concepções de escrita, o ensino da escrita, a prática da reescrita, os gêneros textuais e a formação do professor.

O 3º capítulo, intitulado “As práticas de escrita dos alunos do Ensino Médio”, contempla a análise dos dados, que foram obtidos através da aplicação de questionários respondidos pelos alunos concluintes do Ensino Médio. Para realizarmos esta análise, nos embasamos na fundamentação teórica apresentada no capítulo anterior.

As considerações finais apresentam os resultados alcançados com a realização da pesquisa, a qual visa observar as práticas de escrita dos alunos do Ensino Médio e por meio das conclusões obtidas, analisar a necessidade de rever as práticas pedagógicas no tocante ao ensino-aprendizagem da escrita.

CAPÍTULO I

ASPECTOS METODOLÓGICOS

1.1 A natureza da pesquisa

O objetivo das aulas de Língua Portuguesa é formar alunos leitores e escritores competentes, ou seja, contribuir para que os alunos saiam da escola capazes de ler, compreender e produzir variados tipos e gêneros textuais.

Com isso, as pesquisas voltadas ao ensino e aprendizagem da língua materna ganham relevância ao mostrar resultados e apontar possíveis estratégias que possam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino.

Sendo assim, visando observar como está sendo realizado o ensino e a aprendizagem da escrita nas aulas de língua materna, analisamos, por meio de questionários, a prática de escrita dos alunos do Ensino Médio.

Contudo, antes de explicar os aspectos metodológicos norteadores deste estudo, é oportuno, inicialmente, definir o que é a pesquisa científica. O ato de pesquisar é uma das necessidades inerentes ao ser humano, o qual sempre teve o desejo de buscar informações e fazer descobertas relevantes para a melhoria da qualidade de vida e para o crescimento pessoal. Logo, “a preocupação em descobrir e explicar a natureza vem desde os primórdios da humanidade” (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 69).

Para Minayo (2011, *apud* PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 43), a pesquisa é “a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”.

Nesses termos, a pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada e desenvolvida de acordo com normas previamente estabelecidas, ou seja, ela é o ponto de partida para a aquisição de um determinado conhecimento e visa solucionar um problema formulado a partir de uma dúvida surgida em qualquer área do conhecimento.

A pesquisa científica não pode ser confundida com uma simples indagação, uma vez que ela utiliza um método científico que “é o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 126).

Sendo assim, a pesquisa é composta por etapas essenciais para a concretização do estudo, a saber: estabelecimento do problema - escolha do tema; organização da pesquisa - formulação de hipóteses, descrição dos métodos empregados, definição do universo da

pesquisa; execução da pesquisa de campo – coleta/geração dos dados; análise e interpretação dos dados obtidos; elaboração do relatório de pesquisa, ou seja, a apresentação dos resultados alcançados.

A partir das considerações feitas sobre a pesquisa científica, a presente pesquisa se caracterizou como descritiva vinculada ao estudo de caso, com ênfase no método qualitativo, visto que tivemos a preocupação de compreender e interpretar o fenômeno pesquisado.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa descritiva consiste em registrar, descrever e analisar os fatos observados sem que o pesquisador faça interferência neles. É um tipo de pesquisa que tem como objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno e envolve o uso de técnicas padronizadas para a realização da coleta de dados, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário e a observação.

O estudo de caso privilegia um caso particular que seja significativo e considerado suficiente para a análise de um fenômeno. Segundo Severino (2010, p. 121), “o caso escolhido para a pesquisa deve ser bem representado de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas [...], os dados devem ser coletados e registrados com rigor”.

1.2 Etapas da pesquisa

A pesquisa intitulada “Práticas de escrita de alunos do Ensino Médio: incursos na rede pública do município de Campina Grande – PB” se desenvolveu em quatro momentos: inicialmente, fizemos a leitura de textos teóricos direcionados ao objeto de estudo (textos sobre escrita, leitura, gêneros textuais), visando adquirir um embasamento satisfatório para a produção do material de obtenção dos dados - o questionário.

O segundo momento foi dedicado à produção do questionário. Foi um processo de escrita, reescrita e constantes revisões, visando produzir um questionário claro e objetivo. Após essa fase, vivenciando o terceiro momento do nosso trabalho, fomos até a escola para realizar a aplicação dos questionários e, desse modo, coletar os dados para análise.

No quarto momento, dedicamo-nos à análise do *corpus* obtido através dos questionários e a escrita do texto monográfico, o qual contém os resultados alcançados com a pesquisa.

1.3 Os sujeitos envolvidos e a constituição do *corpus* para a análise

Para a realização desta pesquisa, o instrumento usado para a coleta dos dados foi o questionário: uma “série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante (respondente)” (PRODANOV; FREITAS 2013, p. 108).

Para que o questionário seja aplicado e respondido de modo satisfatório, ele deve apresentar uma linguagem simples e direta e ser composto por perguntas objetivas e bem elaboradas para que o sujeito informante compreenda, com facilidade e clareza, o que está sendo perguntado.

Desse modo, o questionário utilizado nesta pesquisa contém vinte e três questões, sendo algumas abertas e outras de múltipla escolha, as quais questionam os alunos sobre o que eles entendem por escrita, leitura, gênero textual, além de aspectos socioculturais.

Para delimitar os sujeitos informantes desta pesquisa, de início selecionamos as três séries do Ensino Médio: tínhamos a intenção de analisar quais as práticas de escrita dos alunos que estavam cursando a 1ª, 2ª e 3ª séries na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, em Campina Grande – PB. Com isso, aplicamos os questionários com 64 alunos, sendo 22 alunos da 1ª série, 20 da 2ª série e 22 da 3ª série – todos do turno da manhã.

Contudo, após ler e analisar os questionários, não encontramos diferenças significativas entre as respostas dadas pelos alunos das três séries, de modo que seria improdutivo analisar as práticas de escrita das turmas individualmente. É importante considerar que, essas semelhanças entre as respostas dos alunos é muito preocupante, pois, isto denota que, nas turmas analisadas, não há uma progressão da aprendizagem ao longo do Ensino Médio, ou seja, os alunos seguem para a próxima série mas não aumentam o conhecimento sobre leitura e escrita.

Diante desta realidade, decidimos selecionar uma turma para análise. Com isso, escolhemos a 3ª série devido ao fato de serem alunos concluintes e próximos da possível condição de alunos universitários. Os resultados obtidos com essa turma podem ser estendidos às outras duas turmas, uma vez que os alunos deram respostas semelhantes. Após essa delimitação, o *corpus* em análise está constituído por 22 questionários respondidos pelos alunos da 3ª série do Ensino Médio.

1.3.1 Sobre os alunos informantes

Como já foi exposto, a proposta inicial era trabalhar com os 64 questionários, mas visando a eficácia da pesquisa, delimitamos o nosso *corpus* e analisamos os questionários respondidos por 22 alunos da 3ª série do Ensino Médio, os quais responderam ao questionário de forma voluntária.

Em relação à idade dos alunos informantes, ela varia entre 16 e 28 anos, sendo a idade de 17 a mais frequente, como podemos observar no gráfico 1.

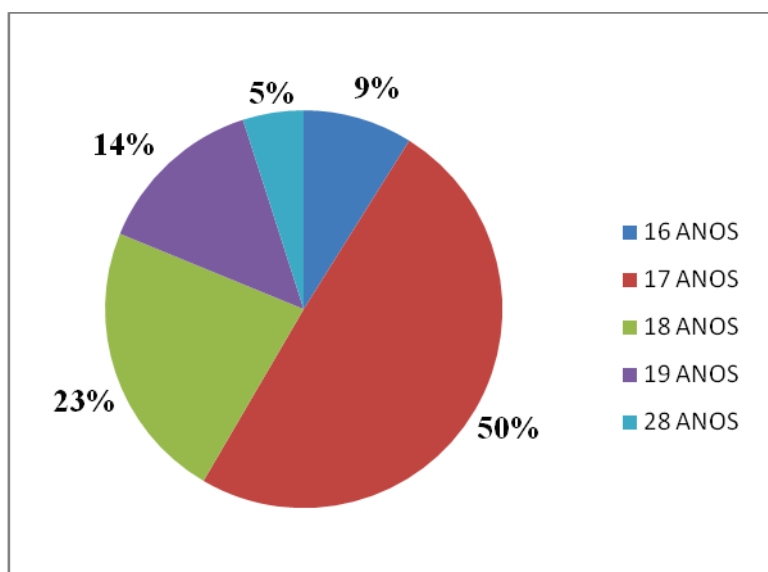


GRÁFICO 01- Distribuição dos alunos por faixa etária

Quanto ao gênero dos alunos informantes, 14 são do sexo feminino e oito do sexo masculino, conforme constatamos no gráfico 2.

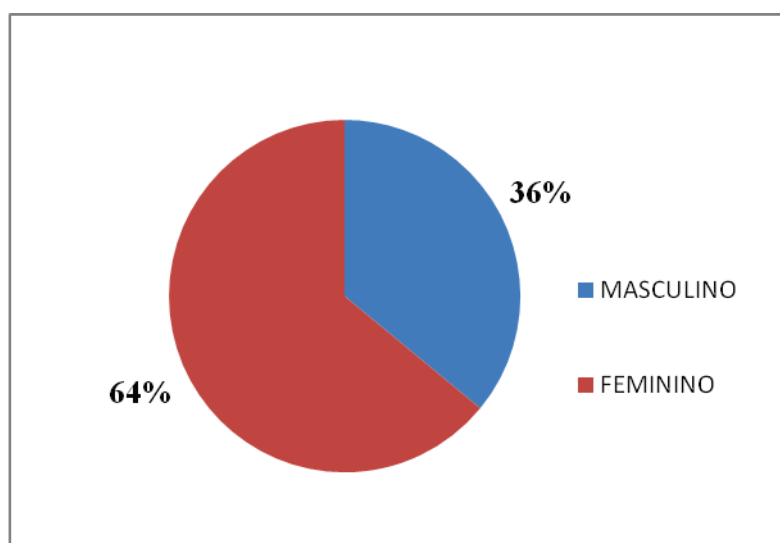


GRÁFICO 02- Distribuição dos alunos pelo gênero sexual

No questionário também inserimos perguntas que visavam conhecer alguns aspectos socioculturais dos alunos. Dentre estes aspectos, destacamos:

I) Profissão dos pais: comerciante, agricultor, funcionário público, pedreiro, motorista, mototaxista, costureiro, encanador, pintor, garçom, lanterneiro, mecânico, marceneiro, servente (de pedreiro), empregada doméstica, inspetora de qualidade, cabeleireira, autônomo, auxiliar de limpeza e dona de casa foram as profissões citadas pelos alunos participantes;

II) Renda mensal familiar: dos 22 alunos, 13 informaram que a renda mensal de suas famílias se encontra entre dois e cinco salários mínimos, 08 alunos marcaram a opção um salário mínimo e 01 aluno não informou;

III) Estabelecimento de ensino em que cursaram o Ensino Fundamental e estão cursando o Médio: todos os 22 alunos participantes afirmaram que cursaram o Ensino Fundamental e estão cursando o Médio apenas em escolas públicas;

IV) Atividade remunerada: 20 alunos afirmaram que não exercem nenhuma atividade remunerada e 02 informaram que exercem, sendo ambas em tempo parcial;

VI) Quantidade de alunos que possuem computador conectado à Internet: dos 22 alunos participantes, 10 informaram que não possuem computador com acesso à Internet e 12 afirmaram que possuem.

Os dados acima foram retirados dos 22 questionários respondidos pelos alunos, conforme uma mostra de 05 questionários respondidos inseridos nos anexos deste trabalho¹. O questionário foi aplicado no dia 18 de setembro de 2013, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, em Campina Grande – PB.

1.3.2 A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, localizada na Avenida Tavares, 2500, no Bairro Santo Antonio, Campina Grande – PB, foi criada em 1976 pelo Decreto Estadual nº 7.161 de 20/12/1976 e implementada no ano seguinte. Desde sua fundação, a escola tem atendido milhares de alunos de classe média baixa.

¹ Por uma questão de economia e proporcionalidade entre elemento textual e pós-textual, decidimos inserir apenas uma mostra de 05 dos 22 questionários respondidos, salientando que todos os 22 questionários respondidos e analisados estão devidamente documentados em arquivo particular.

Em 1977, o estabelecimento escolar iniciou seus trabalhos com o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série- atualmente 6º ao 9º ano), tendo em sua estrutura curricular, componentes direcionados para uma educação diversificada, oferecendo, portanto, disciplinas como *Educação para o Lar, Técnicas Comerciais e Técnicas Agrícolas*.

A partir de 2004, com a proposta de gestão democrática, tendo como gestora a Srª. Maria de Fátima Andrade de Holanda Albuquerque, a escola vem desenvolvendo uma prática de ensino baseada na metodologia de projetos. Essa iniciativa permitiu que a escola melhorasse significativamente suas práticas pedagógicas, envolvendo todos os seus profissionais em projetos que estimulam o aprendizado dos seus educandos e, com isso, a melhoria da qualidade da educação oferecida pela instituição.

O Plano Político Pedagógico (PPP) da escola mostra que a mesma tem como objetivo envolver o aluno de forma que ele possa fazer parte da sociedade e seja capaz de atuar enquanto um ser social. A instituição quer formar pessoas com valores morais e éticos e que saibam conviver numa sociedade pluricultural. Para tanto, valoriza a intelectualidade, a cultura, a família, o trabalho e o bem-estar de todas as pessoas.

Quanto à organização administrativa, dispõe da Gestão, da Secretaria, da Tesouraria e do Conselho Escolar, o qual possui natureza deliberativa e estabelece diretrizes relativas à organização e ao funcionamento da instituição, bem como sua relação com a comunidade. Atualmente, a escola funciona em 03 (três) turnos e oferece o Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos- EJA.

Hoje está sendo desenvolvido na escola o Projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES. Por meio deste projeto, é possível estabelecer um elo entre a educação superior e educação básica, o que contribui para o aprendizado dos alunos e a formação dos professores, uma vez que o PIBID é um projeto que visa incentivar e valorizar a docência.

É notório que a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand é uma instituição aberta a todas as políticas, projetos e ideias que visem melhorar o ensino por ela oferecido, e essa abertura justifica a nossa escolha em tê-la como ambiente para coleta dos dados desta pesquisa.

Conhecidos os aspectos metodológicos que nortearam a realização desta pesquisa, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca dos fundamentos teóricos que nos serviram de base para a concretização do presente trabalho. Tal discussão está contida no capítulo que segue.

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOBRE AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS

2.1 O que é Linguística Aplicada (LA)?

A Linguística Aplicada (LA) é uma área de investigação considerada nova porque teve início na década de 40, com o objetivo de desenvolver materiais para o ensino/aprendizagem de línguas. Ela se expandiu no exterior e no Brasil na segunda metade do século XX.

A LA surgiu como uma área voltada aos estudos sobre o ensino de línguas estrangeiras e atualmente é um campo muito produtivo por ter expandido sua área de estudo e considerar como seu objeto de investigação “a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou de outra língua, seja em qualquer outro contexto em que surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem” (MENEZES, 2009, p. 25).

Contudo, de acordo com Moita Lopes (2009), para a LA se transformar em uma área consideravelmente produtiva, duas viradas da Linguística foram fundamentais para isso. A primeira virada ocorreu no final dos anos de 1970 e era voltada às práticas de ensino da língua inglesa. Nessa virada, o linguista aplicado Widdowson diferencia LA e aplicação de Linguística. Segundo ele, a LA não pode ser dependente de uma teoria linguística, uma vez que ela “só pode ser uma área autônoma de investigação na medida em que se livrar da hegemonia da linguística e negar as conotações de seu próprio nome” (WIDDOWSON, 1979 *apud* MOITA LOPES, 2009, p. 15).

Todavia, em outro momento Widdowson propõe que a LA seja uma área mediadora entre a teoria linguística e o ensino de línguas, ou seja, ele não descarta a teoria totalmente, o que transforma a LA num campo de investigação mediador. Com isso, o objeto de investigação começa a ser construído considerando também as teorias de outras áreas do conhecimento, ou seja, o processo de ensino/aprendizagem de línguas passa a ser realizado de modo interdisciplinar, visto que uma única área do conhecimento não é suficiente para a compreensão dos processos envolvidos no ensino de línguas na sala de aula.

A segunda virada ocorre quando o campo deixa de investigar apenas o ensino de línguas estrangeiras e passa a pesquisar os contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, de outras disciplinas e contextos institucionais.

A LA compreende a linguagem como parte integrante da vida institucional, passando a ser considerada, segundo Moita Lopes (2009, p. 18), “como uma área centrada na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula”. Logo, a

preocupação com o uso da linguagem não se resume ao ambiente da sala de aula, mas às diversas formas com que os sujeitos usam a linguagem. Desse modo, nos estudos sobre a linguagem passam a ser considerados fatores como a situação cultural e histórica da ação humana e isso é incorporado à LA devido a sua visão interdisciplinar.

Decorrente destas duas viradas da LA, temos a Linguística Aplicada Indisciplinar, a qual é

indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos para compreender o mundo atual. (FABRÍCIO, 2006 *apud* MOITA LOPES, 2009, p. 19)

A Linguística Aplicada Indisciplinar é entendida como transdisciplinar, visto que ela atravessa as fronteiras das disciplinas e tem se repensado continuamente, pois as áreas do conhecimento mudam e é preciso reinventar as formas de produzir conhecimento.

Sobre a distinção entre Linguística Teórica e a LA, é relevante tecer algumas considerações, reconhecendo a dificuldade de fazer tal distinção, uma vez que a LA originou-se com base na Linguística Teórica.

De acordo com Strevens (1991 *apud* MENEZES, 2009, p. 31), “uma característica da LA é lidar com tarefas práticas”, porém ele não concorda com a visão de que a LA aplique a teoria linguística. Brumfit (2003 *apud* MENEZES, 2009, p. 32), por sua vez, diz que “tradicionalmente, a pesquisa em Linguística investiga a língua como um fenômeno, recentemente, a pesquisa em Linguística Aplicada vem investigando a língua como uma prática”. Porém, essa distinção não é precisa, pois de acordo com Menezes (2009), a LA e a Linguística Teórica estão muito próximas e não apresentam distinções consideráveis e explícitas, por isso “ser ou não um linguista aplicado hoje é muito mais uma questão de afiliação ideológica do que de identidade epistemológica” (MENEZES, 2009, p. 47).

A definição de LA dada pela AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada), conforme *site* listado nas referências, envolve aspectos teóricos e práticos. Segundo a AILA, a LA é

um campo interdisciplinar de pesquisa e prática que lida com problemas práticos da linguagem e comunicação que podem ser identificados, analisados e resolvidos pela aplicação de teorias disponíveis, métodos e resultados da Linguística ou através do desenvolvimento de novos referenciais teóricos e metodológicos em Linguística para trabalhar sobre estes problemas. Linguística Aplicada difere da Linguística em geral, principalmente com relação à sua orientação explícita para problemas práticos, cotidianos relacionados à língua e comunicação.

A LA, portanto, considera a língua em uso, analisando as práticas de linguagem na sociedade.

2.2 O Interacionismo Sociodiscursivo: reflexões necessárias

O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), através do seu posicionamento epistemológico e político, tem como objetivo estudar as condições do desenvolvimento humano. É considerada uma corrente interdisciplinar por reunir muitas áreas das ciências humanas, como a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia e a Linguística. Sendo assim,

o ISD aceita todos os princípios fundadores do interacionismo social e contesta, portanto, a divisão atual das Ciências Humanas/Sociais: Nesse sentido, não é uma corrente propriamente linguística, nem uma corrente psicológica ou sociológica, ele quer ser visto como uma corrente da ciência do humano. (BRONCKART, 1999 *apud* PEREIRA, 2009, p. 115)

O ISD concebe a linguagem como um fenômeno social e histórico, como uma “produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela um instrumento por meio do qual os interactantes, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve” (BRONCKART, 1999, p. 34). Desse modo, segundo Bronckart (1999), a linguagem é uma característica da atividade social humana e sua função é possibilitar a comunicação.

O ISD estuda o funcionamento dos textos/discursos, bem como o processo de sua produção, tendo como unidades de análise: a linguagem, as condutas ativas e o pensamento consciente.

As principais características do ISD são: *a)* a apreensão do funcionamento humano só pode ser genética, com isso só é possível compreender o humano estudando as modalidades de sua construção permanente; *b)* o funcionamento humano real integra as dimensões cognitivas, sociais, afetivas, semióticas etc. e *c)* o trabalho científico deve ser considerado como um aspecto de um trabalho social mais geral.

De acordo com Bronckart (2006), as pesquisas no âmbito do ISD desenvolvem trabalhos teóricos em três etapas: análise dos pré-construídos, as mediações formativas e o desenvolvimento.

Na etapa dos pré-construídos, o objetivo inicial do ISD consistiu na elaboração de um modelo coerente de organização interna dos textos. Com isso, o interesse do ISD é analisar as condições de produção e funcionamento dos textos que circulam na sociedade, considerando o

texto como “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente” (BRONCKART, 1999, p. 75).

A etapa das mediações formativas é centrada nos sistemas educativos, realizando trabalhos ligados à didática das línguas, como a elaboração de métodos e propostas educativas, dentre as quais se encontram as sequências didáticas, que visam trabalhar um gênero tendo como base um modelo de arquitetura textual. O trabalho com as sequências didáticas também resultou na observação do trabalho dos professores.

Na etapa do desenvolvimento, o ISD se interessa pelas condições de construção de pessoas conscientes, assim como as condições da transformação dos construtos sócio-históricos. No processo de construção das pessoas, o ISD mostra que é preciso a interiorização dos signos na constituição do pensamento consciente.

O ISD procura demonstrar que as práticas sociais de linguagem são os maiores instrumentos do desenvolvimento humano, considerando o conhecimento e a capacidade de interagir das pessoas. Nesses termos, a proposta teórico-metodológica do ISD compreende em analisar e apresentar aspectos sobre o funcionamento da linguagem humana, tendo em vista a linguagem como ação e a situação do agir comunicativo.

Em relação à linguagem como ação, tem-se que as atividades languageiras acontecem por meio de relações de interação ocorridas em situações sociocomunicativas diversas. Com isso, “a ação constitui o resultado da apropriação humana das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (PEREIRA, 2009, p. 119).

Desse modo, as ações de linguagem são realizadas através de uma perspectiva social, uma vez que as ações humanas acontecem sempre em um enquadre social, e de uma perspectiva subjetiva, gerada pela individualidade do ser humano que o responsabiliza por seus atos. Portanto, como afirma Pereira (2009), as ações de linguagem possuem um caráter sociopsicológico.

Segundo Bronckart (1999, p. 338), “a atividade de linguagem é ao mesmo tempo, o lugar e o meio das interações sociais constitutivas de qualquer conhecimento humano”.

No que se refere ao agir comunicativo², Pereira (2009, p. 120) afirma que

o agir comunicativo constitui-se [...] como um instrumento pelo qual as ações de linguagem são atribuídas a um sujeito (agente) e se materializam na entidade empírica, o texto. Por essa razão, [...], o movimento que parte de uma ação de linguagem a um texto empírico concreto é um produto da dialética que se instaura entre representações sobre os contextos de ação e representações relativas às línguas e aos gêneros de texto.

² Para estudar as questões do agir comunicativo, o ISD admitiu contribuições advindas do filósofo e sociólogo Jürgen Habermas.

Logo, o agir comunicativo é a atividade de linguagem em funcionamento nos grupos humanos. Dessa forma, as atividades de linguagem configuram representações sobre três mundos: a) o *mundo objetivo* - relacionado aos parâmetros do ambiente; b) o *mundo subjetivo* - relacionado aos conhecimentos adquiridos individualmente e c) o *mundo social* - o qual se refere à maneira de organizar a tarefa de acordo com normas.

As atividades de linguagem abarcam as representações acerca desses três mundos, do modo pelo qual foram interiorizadas pelo agente. Assim, “ao produzir um texto, esse agente mobiliza as representações dos organismos humanos e estas passam a ser produtos de representações individuais e coletivas” (PEREIRA, 2009, p. 120)

O ISD estabelece parâmetros que influenciam na organização textual. De acordo com Bronckart (1997, *apud* PEREIRA, 2009) o primeiro parâmetro é relacionado ao mundo físico, com isso o texto é resultado de uma ação verbal concreta e nele encontram-se, implícitos, aspectos sobre local e momento de produção, além de características sobre o produtor e o receptor. O segundo parâmetro é relacionado ao mundo social e subjetivo, o qual considera que todo texto é inserido numa formação social, mais precisamente, numa forma de interação comunicativa, relacionando o mundo social e o subjetivo.

O ISD auxilia e fornece embasamento para o processo de análise do desenvolvimento humano, uma vez que ao reunir o ambiente de ação, as experiências subjetivas e as formações sociais, esta corrente contribui na busca da compreensão do humano.

2.3 Leitura e escrita: uma relação indissociável

É sabido que não existem fórmulas e “truques” para se escrever bem, uma vez que o ato de escrever exige, além de dedicação e tempo, um estudo sério e muita leitura, pois ao ler nós assimilamos as estruturas próprias da língua escrita e enriquecemos o nosso vocabulário. Dessa forma, devemos considerar que uma boa produção textual é resultado de muita prática, reflexão e leitura e que a escrita exige que o indivíduo se envolva totalmente.

Segundo Garcez (2004), escrever é um exercício que só se aprimora com a prática constante atrelada indissociavelmente ao hábito de ler, para a autora os procedimentos de leitura e releitura colaboram decisivamente para as melhorias cabíveis ao texto.

A escrita não pode ser considerada desvinculada da leitura. Nossa forma de ler e nossas experiências com textos de outros redatores influenciam de várias maneiras nossos procedimentos de escrita. Pela leitura vamos construindo uma intimidade muito grande com a língua escrita, vamos internalizando as suas estruturas e as suas infinitas possibilidades estilísticas.[...] Além disso, a leitura é a forma primordial de enriquecimento da memória, do senso crítico e do conhecimento sobre os diversos assuntos acerca dos quais se pode escrever (GARCEZ, 2004, p. 23).

A relevância da leitura reside no fato de que ao conviver com textos de diversos gêneros, além de incorporá-los ao nosso conhecimento, também temos acesso à informação, que é um fator essencial na produção textual, pois quando estamos atualizados sobre os acontecimentos e as ideias que circulam ao nosso redor, aumentamos a capacidade de argumentar, podendo assim explicar o nosso ponto de vista com mais veracidade e isso se reflete diretamente e positivamente na produção escrita. Portanto, é preciso “ler muito, ler diversos tipos de texto, ler melhor a cada dia” (GARCEZ, 2004, p. 11).

A produção de texto é importante porque ela reorganiza o pensamento e o universo interior do autor. Ao escrever podemos comunicar o que sabemos e também descobrir o que queremos. Escrever é ter a oportunidade de dividir práticas sociais que a sociedade vem construindo no decorrer dos anos. Porém, isso só é possível se o escritor for, primeiramente, um leitor assíduo.

Segundo Silva (1986, p. 39), a relação entre leitura e escrita “se justifica porque são os leitores e os escritores de uma língua que dão sentido para a leitura e escrita nessa língua”. Logo, o ensino da leitura e da escrita não pode se distanciar do processo de construção social, uma vez que ler e escrever permite ao usuário da língua participar de forma ativa das práticas sociais.

O escrever é registrar as formas de se interpretar o mundo, nada tendo a ver com o exercício de uma técnica ou cópia de um modelo. O ler é buscar essas interpretações mediante uma negociação de significações entre texto, autor e leitor, que, por sua vez, nada tem a ver com a dicção e a marcação de ritmo, que fazem da leitura a repetição infundável de palavras, frases ou fragmentos de textos” (SILVA, 1986, p. 57).

Portanto, o ato de ler e escrever é um processo de construção de significados, é uma prática social e não pode ser resumida em recitar e/ou decodificar as palavras ou escrever cópias infundáveis sem nenhum tipo de contextualização. Para Squire (1983 *apud* PRESTES, 2001, p. 01), “a leitura e a escrita são duas faces do mesmo processo cognitivo. São aspectos de pensamento que estão essencialmente interrelacionados”.

Segundo Antunes (2003, p. 67), “a atividade da leitura completa a atividade da escrita”. Nessas condições, o aluno precisa ser competente na leitura e na escrita, visto que são atividades interligadas. Para tanto, o ensino da leitura e da escrita precisa estar voltado para os usos sociais da língua e oferecer subsídios para que os alunos aprendam a ler, compreender e produzir textos variados. É salutar considerar que ler e escrever são instâncias da vida dos alunos que existem dentro e fora da escola. Eles precisam estar preparados para utilizar essas modalidades da língua no cotidiano.

2.4 A escrita: concepções

A escrita é uma atividade sociointeracionista porque permite a comunicação entre os sujeitos. No passado, somente uma parcela da população tinha acesso à escrita, sabia ler e escrever e, com isso, detinha o poder e a autoridade. Porém, atualmente, a escrita está presente no cotidiano das pessoas, é utilizada no trabalho, na comunicação, na vida pessoal, ou seja, o ser humano está rodeado por textos escritos.

A escrita é uma prática social e coletiva e está diretamente relacionada à história dos indivíduos e da sociedade. De acordo com Bazerman (2007, p. 13), “a escrita é um meio de comunicar entre pessoas através do tempo e espaço”.

Conceituar a escrita é uma tarefa difícil, tendo em vista as diversas possibilidades de respostas, uma vez que ela pode ser considerada como inspiração, expressão do pensamento, domínio das regras gramaticais ou uma atividade para poucos privilegiados. Sendo assim, para entender a escrita é necessário ter como base uma concepção de linguagem, texto e escritor, considerando que ela pode ter como foco a língua, o escritor ou a interação.

Na escrita com *foco na língua*, a linguagem é vista como um sistema pronto e acabado e compete ao escritor apropriar-se de tal sistema, obedecendo as suas regras. O texto é considerado o produto da codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor. Para isso, o leitor e o escritor só precisam conhecer o código utilizado. Nessa concepção de texto não há implicitudes, “tudo está dito no dito, ou em outras palavras, o que está escrito é o que deve ser entendido” (KOCK; ELIAS, 2009, p. 33).

Na concepção de escrita com *foco no escritor*, a escrita é vista como a expressão do pensamento. O escritor constrói uma representação mental, transpõe para o papel e quer que ela seja entendida pelo leitor do mesmo modo que foi mentalizada. O texto é considerado como um produto do pensamento do escritor. Segundo Kock e Elias (2009, p. 33), de acordo

com esta concepção, a escrita é vista como a expressão do pensamento do escritor que não considera as experiências e conhecimentos do leitor, bem como não admite interação.

A escrita com *foco na interação* é considerada como produção textual, a qual exige do escritor a ativação de conhecimentos e a mobilização de estratégias. O produtor pensa no que vai escrever, considerando o seu leitor. Nessa concepção de escrita, o escritor e o leitor são considerados como sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto. Na escrita com foco na interação, o escritor precisa conhecer seu interlocutor, organizar as ideias e revisar a escrita ao longo do processo. O sentido da escrita é o produto da interação e não apenas o resultado do uso do código ou das intenções do autor.

No processo da escrita, o escritor precisa ativar alguns conhecimentos armazenados na memória para produzir um bom texto. De acordo com Kock e Elias (2009), o produtor de texto ativa o conhecimento linguístico, enciclopédico, de textos e os conhecimentos interacionais:

- *Conhecimento linguístico*- O ato de escrever exige do escritor o conhecimento da ortografia, gramática e do léxico da sua língua, uma vez que saber a grafia correta das palavras e obedecer às regras gramaticais constrói uma imagem positiva do escritor, pois demonstra atenção ao leitor evitando problemas na comunicação.
- *Conhecimento enciclopédico*- Para enriquecer a produção textual, o escritor ativa os conhecimentos que tem sobre as coisas do mundo, os quais ouve falar, lê ou adquire em experiências vivenciadas.
- *Conhecimento de textos*- Ao escrever, o produtor ativa modelos que possui sobre práticas comunicativas configuradas em textos, considerando os elementos composicionais e os aspectos de conteúdo, função, estilo e suporte. O conhecimento textual está relacionado à intertextualidade, a qual entra na composição de qualquer texto, a escrita exige a retomada de outros textos, de forma explícita ou implícita, dependendo do objetivo da comunicação.
- *Conhecimentos interacionais*- Ao produzir um texto, o escritor ativa modelos cognitivos que possui sobre práticas interacionais diversas, históricas e culturais. Ele configura na escrita a sua intenção e isso permite que o leitor compreenda o objetivo do texto. O escritor também estabelece a quantidade de informação presente no texto, considerando a situação comunicativa e o gênero textual abordado.

A ativação destes conhecimentos é importante na produção escrita porque proporciona a relação entre a escrita e as práticas sociais, ou seja, o uso desses conhecimentos mostra que escrever é um processo interativo, sendo assim, de acordo com Antunes (2003, p. 41), o escritor precisa compreender a “língua enquanto atuação social, [...] atividade e interação verbal entre dois ou mais interlocutores” para produzir um texto claro e objetivo, o qual tenha uma funcionalidade na sociedade e seja compreendido pelo leitor.

2.4.1 O ensino da escrita

É comum ouvirmos os alunos relatarem que não gostam de escrever e isso, muitas vezes, é resultante de uma prática de ensino mecânica, que não considera o aluno enquanto produtor, mas um redator de textos que não possuem funcionalidade dentro da sociedade.

Muitas vezes a atividade com a escrita consiste apenas em um mero exercício escolar, uma redação que serve somente para revisar as regras da gramática: o texto é considerado como um produto.

De acordo com Antunes (2003, p. 44), “a escrita, como toda atividade interativa, implica uma relação cooperativa entre duas ou mais pessoas”. Logo, o ato de escrever deve ser considerado como um momento de envolvimento entre sujeitos, no qual o escritor tem um objetivo para o seu texto e escreve com a intenção de alcançá-lo.

Segundo Bunzen (2006), para produzir um bom texto o aluno precisa: ter o que dizer; ter razões para dizer o que tem a dizer; ter para quem dizer; assumir-se como sujeito e escolher estratégias de produção. Com isso, a sala de aula transforma-se num lugar de interação verbal e o ensino se torna mais reflexivo e produtivo.

Sendo assim, para oferecer um ensino produtivo no que concerne à escrita faz-se necessário seguir algumas etapas de trabalho preestabelecidas. Antunes (2003) diz que o trabalho de produção textual é composto por três etapas, a saber: I) *Planejamento*: momento de escolher o tema, os objetivos, o gênero, a ordem das ideias e o nível de linguagem que o texto precisa ter para atingir seu público; II) *Escrita*: fase de escrever aquilo que foi planejado e III) *Reescrita*: momento de revisar e reescrever o texto, visando melhorá-lo.

Para a eficácia do ensino da escrita é oportuno também considerar as práticas de leitura e produção textual que fazem parte do dia a dia dos alunos, pois isso desperta o interesse deles e valoriza o conhecimento que possuem. Bunzen (2006) elucida que tratamos os alunos como impossibilitados em matéria de língua porque não consideramos suas produções como práticas reais de escrita.

Não percebemos que eles produzem poemas em seus diários, versos para compor o *rap*, casamentos matutos para serem encenados em quadrilhas juninas, peças teatrais em esferas como as igrejas e centros comunitários, grafites e pichações nos muros da cidade ou nos banheiros das escolas, *blogs* e *fotologs* no ambiente virtual, cartas de amor e de solicitação de emprego, mensagens via celular, *e-mails*, etc. (BUNZEN, 2006, p. 158).

Logo, é preciso que o professor use uma metodologia de ensino que seja fortalecedora das práticas sociais dos alunos em contextos culturais específicos, pois eles convivem com as mais diversas maneiras de utilizar a língua de forma escrita, dentro e fora da escola.

No âmbito da sala de aula, o aluno precisa ter contato constante com os mais variados tipos e gêneros textuais, deve ser estimulado a desenvolver o hábito de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa conhecer a importância que a escrita tem para a sua formação enquanto ser humano ativo dentro da sociedade.

Portanto, o trabalho com produção de textos deve ter como finalidade formar escritores competentes que consigam produzir textos coerentes, coesos e socialmente funcionais.

Os PCN ao determinar as competências que o aluno no Ensino Médio deve atingir no que se refere às aulas de Língua Portuguesa (ensino de escrita) afirmam que o aluno deve ser capaz de

analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis) (BRASIL, 2000, p. 24).

Desse modo, para possibilitar que os alunos desenvolvam essas competências e se tornem bons escritores é necessário adotar uma concepção de escrita que permita a interação entre o autor, o texto e o leitor, numa atividade contínua de leitura, escrita e reescrita, ou seja, é preciso considerar a escrita como um processo, algo que requer trabalho e persistência, considerando a língua como um sistema que se constrói historicamente através da ação dos sujeitos.

2.4.2 A relevância da reescrita nas atividades de produção textual

A escrita é uma atividade que envolve tarefas sequenciais e/ou simultâneas articuladas ao contexto em que acontece a produção textual, ou seja, escrever é um processo que exige disciplina e paciência, pois a primeira versão de um texto geralmente é insatisfatória. Para

tanto, é preciso reler e analisar o texto até alcançar os objetivos do escritor. Portanto, “reescrever é o processo natural de construção de um bom texto” (GARCEZ, 2004, p. 21).

A prática de escrita deve incluir um momento em que o escritor possa avaliar o seu texto, analisando sua eficácia e adequação. Essa é uma etapa importante porque permite que o escrevente ocupe a posição de leitor e avalie o que é preciso eliminar, acrescentar ou substituir, o que resulta em textos bem escritos e, conseqüentemente, em bons escritores.

Sobre a fase da reescrita do texto, Antunes (2003, p. 55-56) menciona que

a etapa da reescrita corresponde ao momento de análise do que foi escrito, para aquele que escreve confirmar se os objetivos foram cumpridos, se conseguiu a concentração temática desejada, se há coerência e clareza no desenvolvimento das ideias, se há encadeamento entre os vários segmentos do texto, se há fidelidade às normas da sintaxe e da semântica [...]. É a hora da revisão [...] para decidir sobre o que fica, o que sai, o que se reformula.

Escrever é uma tarefa que envolve o fazer e o refazer, para Prestes (2001, p. 11), “a reescritura precisa ser incentivada em todo o processo de produção textual. Os alunos devem ser estimulados a serem mais atentos ao que escrevem”. Contudo, as escolas, costumeiramente, dedicam pouca ou nenhuma atenção à reescrita de textos, e quando ela aparece trata-se apenas de uma correção com o objetivo de encontrar os erros de ortografia, pontuação e concordância, ou seja, não há comentários quanto aos argumentos e a adequação do texto para o seu público, o professor dificilmente analisa a essência do texto ou a informação que o aluno quer comunicar através do mesmo, ele geralmente preocupa-se apenas em encontrar “erros”.

Outro problema em relação à escrita e reescrita está no fato de os livros didáticos não contemplarem as atividades de reescrita no que se refere aos aspectos teóricos e a metodologia de suas propostas, eles não dedicam um espaço às fases de revisão e reescrita de textos e, quando oferecem, geralmente, trazem orientações muito vagas e genéricas, ou seja, não apresentam subsídios para que o aluno reelabore sua produção textual. Para que o aluno possa reescrever seu texto, ele precisa ser orientado de forma clara, o professor precisa explicar para sua turma que reescrever não é “passar a limpo”, como muitos pensam, mas sim refazer o seu texto até que ele fique adequado e se enquadre na proposta inicial.

Geraldi (1995) mostra que para o ensino da escrita ser eficiente é preciso que aquilo que o aluno tem a dizer se sobreponha a razões artificiais da escrita, num processo onde o professor torna-se interlocutor dos seus alunos, lendo seus textos, analisando-os e dando sugestões, ao invés de deter-se apenas na procura por erros ortográficos.

Logo, há a necessidade de discutir com os alunos a importância de revisar e reelaborar o texto que foi produzido para a completa realização do processo de escrita, lembrando que revisar é mais do que corrigir, é alterar o texto em aspectos que não estão “errados”, e reelaborar é reescrever o texto com intervenções que não descaracterizam o texto do aluno, mas que procuram enriquecê-lo.

Neste sentido, o aluno que considera a relevância da reescrita para o seu desenvolvimento, enquanto escritor, consegue olhar para o texto que produziu e encontrar as inadequações, observando o que pode e/ou deve ser melhorado.

É interessante destacar que o processo de reescrita beneficia também os professores, pois ao acompanhar seus alunos nas produções textuais, escrevendo e reescrevendo textos com eles, o professor também pratica a escrita, pois, como sabemos, geralmente, ele não tem tempo para isso devido à sua excessiva carga de trabalho. Além disso, a participação direta do professor motiva os alunos.

Durante as atividades de reescrita é relevante que o professor aponte para o aluno os pontos positivos do seu texto, para que ele possa observar os conhecimentos que já possui sobre a língua.

Ensinar o aluno a reescrever o texto é ajudá-lo a desenvolver seu senso crítico e o seu potencial discursivo, é criar nele o desejo de sempre querer melhorar e encontrar formas mais adequadas para apresentar suas opiniões e isso se reflete na sua vida pessoal e profissional, pois o desejo de querer sempre se aperfeiçoar é muito benéfico para a formação de cidadãos éticos, competentes e que buscam sempre o melhor para sua vida e para aqueles que estão ao seu redor. Reescrever um texto não é apenas consertá-lo, é também melhorá-lo, reinventá-lo, recriá-lo, adequá-lo, ou seja, é procurar torná-lo cada vez melhor.

2.5 Os gêneros textuais e o ensino da escrita

Os gêneros textuais são fenômenos que surgiram a partir da necessidade humana de comunicação. Nesse sentido, Marcuschi (2003) descreve que os gêneros textuais são práticas sócio-históricas e contribuem para ordenar as atividades comunicativas do dia a dia, visto que a linguagem é um processo de integração sociocultural e é a partir dela que interagimos socialmente.

Os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

Entendemos por gênero textual todo enunciado oral ou escrito que tem uma função comunicativa na sociedade. Eles estão vinculados às necessidades e atividades sociais e culturais da humanidade, portanto surgem e se renovam constantemente. É importante ressaltar que eles não são unidades formais da língua, mas sim entidades comunicativas, de formas verbais e de ação social.

Devido à diversidade de gêneros existentes é difícil conceituá-los precisamente, pois como afirma Marcuschi (2003, p. 20), “os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”.

A comunicação na sociedade acontece sempre por meio de gêneros. De acordo com Bakhtin (2003, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos”, desse modo todos nós utilizamos os gêneros textuais para nos comunicarmos, mesmo que seja de forma involuntária.

Considerando a importância dos gêneros textuais para o desenvolvimento social do indivíduo, no que diz respeito a sua interação e comunicação, faz-se necessário e urgente o trabalho com os gêneros textuais de forma sistematizada no âmbito da sala de aula, de modo que os alunos, munidos destes conhecimentos, possam usar estas entidades com mais propriedade e eficiência em seu dia a dia, pois “o estudo dos gêneros [...] proporciona uma visão ampla das possibilidades de uso da linguagem” (BRASIL, 2000, p. 08).

Portanto, é essencial trabalhar os gêneros textuais na sala de aula no que se refere ao ensino da leitura e da escrita, pois conhecê-los é uma oportunidade de saber lidar com a língua em seus mais diversos usos, ordenando e estabilizando as atividades comunicativas do indivíduo. Desse modo, é importante que todo o trabalho com textos seja feito utilizando os gêneros, “tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual” (MARCUSCHI, 2003, p. 32).

Para que o trabalho com gêneros seja produtivo é importante distinguir com clareza as noções de tipo e gênero textual, uma vez que ambos são comumente confundidos.

Segundo Marcuschi (2003), entende-se por tipo textual uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística que a compõe (critérios sintáticos, lexicais,

verbais, etc.), com isso temos um número reduzido de tipos textuais, os quais são denominados como narração, argumentação, exposição, injunção e descrição.

O termo gênero textual se refere aos textos que são materializados no cotidiano e que permitem a comunicação entre os usuários da língua, os gêneros são definidos pelo conteúdo, funcionalidade, composição e estilo e são inúmeros, dentre os quais podemos citar a carta, o romance, a aula expositiva, o bilhete, a reunião e tantos outros.

Ao falar sobre os gêneros textuais, Koch e Elias (2010b) afirmam que os indivíduos desenvolvem uma *competência metagenérica*, a qual possibilita a produção e compreensão dos gêneros textuais. É essa competência que orienta a produção das práticas comunicativas.

Em relação às práticas de ensino voltadas ao trabalho com os gêneros, uma metodologia interessante e produtiva é a sequência didática que, de acordo com Schneuwly & Dolz (2004, p. 97), “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. As sequências didáticas são muito produtivas porque elas utilizam situações reais de uso da língua no processo de comunicação, mostrando as diferenças entre língua oral e escrita e entre gêneros formais e informais.

Através das sequências didáticas, o aluno passa por um processo de escrita, no qual ele irá inicialmente conhecer a tarefa que irá desenvolver, depois escreverá um texto inicial, tendo a oportunidade de em seguida trabalhar os problemas existentes nessa produção e, finalmente reescrever o seu texto, com isso ele irá melhorar as suas práticas de leitura e escrita, pois a primeira versão de um texto não deve ser a única, a escrita é um processo que exige leitura, escrita e reescrita, e isso é bastante explorado nas sequências didáticas, daí a sua relevância nas aulas de língua materna, mais precisamente no trabalho com gêneros, leitura e escrita.

Mediante tais considerações acerca dos gêneros textuais, é notório que a presença e o ensino dos mesmos na sala de aula contribuem para a aprendizagem da escrita, uma vez que, ao ter contato com os mais variados gêneros, o aluno irá ler e escrever melhor, além disso, saberá compreender os inúmeros enunciados que o circulam. E, nessa missão de ensinar a escrita, o professor tem um papel muito importante, pois é ele o responsável por dar oportunidades para que o aluno se desenvolva e se torne um escritor competente, para isso o ensino da escrita não deve priorizar uma “escrita artificial e inexpressiva” (ANTUNES, 2003, p. 26), mas considerar as situações reais de uso da língua, mostrando ao aluno o porquê e para que escrever.

Para que o professor consiga realizar um trabalho significativo, ele precisa estar munido de conhecimentos e ser um leitor e escritor assíduo, pois só assim terá propriedade para ensinar ao seu aluno que pela linguagem (escrita e oral) é possível compreender melhor os

acontecimentos do mundo e ser uma pessoa ativa na sociedade, a qual é capaz de compreender e utilizar as diferentes formas de interação.

Para que isso seja possível, é preciso que o professor esteja sempre se aperfeiçoando, buscando novos conhecimentos, participando de formações e tenha a consciência de que não é o detentor do saber, mas sim um ser que precisa estar aprendendo constantemente para poder realizar um trabalho com qualidade.

2.6 A formação do professor na atualidade

Segundo Feldmann (2009, p. 71), o professor é o “sujeito que professa saberes, valores, atitudes, que compartilha relações e, junto com o outro, elabora a interpretação e reinterpretção do mundo”. Sendo assim, é visível a importância desse profissional na sociedade e na formação das pessoas. A formação continuada é uma necessidade da educação, por contribuir para que o professor possa ampliar seus conhecimentos e, com isso, oferecer aos seus alunos um ensino de qualidade.

De acordo com Pereira (2010a, p. 31), a formação continuada é

um conjunto de condições institucionais e de ações públicas e privadas/pessoais que permitem ao professor em serviço desenvolver sua autonomia em busca da aquisição de conhecimentos, de atualização e da análise crítica dos fatos que permeiam sua vida pessoal e profissional.

O trabalho docente é uma atividade interativa sobre pessoas e para pessoas, visto que o professor lida com questões éticas, afetivas, sociais, políticas e culturais. Portanto, a sua identidade pessoal e profissional deve ser considerada nos cursos de formação e, conseqüentemente, na sua prática pedagógica, pois, como defende Tardif (2010, p. 128), “o objeto de trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo”, ou seja, o trabalho do professor é algo muito complexo e, por isso, precisa de formação constante e, em se tratando do professor de língua materna, essa formação se torna ainda mais necessária, tendo em vista que as formas de uso da linguagem têm mudado bastante, como por exemplo, o surgimento constante de novos gêneros textuais.

Na contemporaneidade, o avanço da tecnologia tem, de forma considerável, interferido muito na sala de aula, a qual geralmente não está pronta para lidar com tantas inovações. É nesse momento que se faz relevante que o professor tenha uma formação que lhe dê bases para trabalhar num ambiente que se transforma constantemente. Conforme Feldmann (2009,

p. 74), “formar professores no mundo atual é defrontar-se com a instabilidade e provisoriedade do conhecimento”.

As mudanças na sociedade acontecem com uma velocidade enorme e o que é considerado verdade absoluta rapidamente é refutado e perde o valor, o que torna difícil acompanhar tantas transformações. Sendo assim, para que o ensino seja eficaz, o professor deve tentar se adequar a tais mudanças e se aproximar mais da realidade dos alunos. “A sociedade contemporânea [...] se apresenta tendo como uma de suas características a acelerada transformação pela qual passa o mundo, provocada pelos avanços tecnológicos que incidem na constituição de uma nova cultura do trabalho, afetando diretamente o universo escolar” (FELDMANN, 2009, p. 75).

Considerando a interferência dessas constantes transformações na educação, torna-se cada vez mais necessária a prática da formação continuada, pois, como ainda afirma Feldmann (2009, p. 75), o professor precisa “rever sua atuação, suas responsabilidades e seus processos de formação e de ação”. Constantemente surgem novos estudos sobre educação, práticas de ensino que parecem ser revolucionárias, pesquisas sobre a atuação do professor e sua relação interpessoal com os alunos. Para que essas informações possam ser analisadas e desenvolvidas elas precisam chegar ao professor, que é um dos protagonistas da educação.

Ter acesso a uma formação continuada é direito dos professores, assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a qual no Art. 63 estabelece que “os institutos superiores de educação manterão programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis”. Temos, desse modo, uma valorização da formação continuada e um incentivo para que as instituições de nível superior ofereçam atenção para essa especificidade de estudo, o que beneficia o professor. Contudo, muitas vezes é o próprio professor que resiste aos cursos de formação continuada. E isso ocorre por vários motivos, dentre os quais podemos citar a falta de interesse, o excesso de trabalho, a desmotivação pela profissão e outros fatores de ordem pessoal.

Um aspecto que também dificulta a prática da formação continuada é o distanciamento entre teoria e prática. Sobre esse distanciamento, Feldmann (2009, p. 74) esclarece que a “articulação entre o pensar e o agir, entre a teoria e a prática configura-se como um dos grandes desafios para a questão da formação de professores”, ou seja, o que os professores estudam muitas vezes não pode ser desenvolvido no seu ambiente de trabalho, devido a questões diversas como escassez de recursos financeiros e materiais específicos, resistência da direção escolar, falta de planejamento, etc. Sendo assim, para ter uma melhoria na prática de ensino é preciso que haja interação entre todos os sujeitos responsáveis pela educação.

CAPÍTULO III

AS PRÁTICAS DE ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Este capítulo é destinado à análise dos dados coletados e os resultados obtidos durante a realização desta pesquisa. Os dados analisados foram gerados através da aplicação de um questionário realizado com alunos da 3ª série do Ensino Médio e tem como intuito tentar responder os objetivos desta pesquisa, a saber: 1) Analisar o que os alunos entendem por leitura, com que frequência e para que leem; 2) Verificar se os alunos informantes produzem muitos textos em sala de aula, se costumam reescrever tais textos, como definem a escrita e com qual concepção de escrita eles estão familiarizados; 3) Observar o que os alunos entendem sobre gênero textual e a relação entre leitura e escrita.

3.1 Práticas de leitura dos alunos

Com base nos estudos expostos na fundamentação teórica, vimos que a prática de leitura é essencial para a formação de um bom escritor, visto que só lendo bastante é possível escrever textos adequados, coerentes e coesos, pois, como afirma Garcez (2004), a experiência com textos de outros autores influenciam a nossa forma de escrever.

Considerando a importância da leitura na atividade de produção textual, buscamos, através dos questionários, conhecer como estão acontecendo as práticas de leitura dos alunos informantes, uma vez que ler bem é fundamental para o desempenho dos alunos não apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas da grade curricular, pois em cada uma delas ler e compreender o que leu é essencial para realizar as atividades, consequentemente, a dificuldade em leitura também se estende às demais disciplinas, o que retrata, conforme a LA, o caráter interdisciplinar da leitura, uma vez que ela rompe as fronteiras das disciplinas.

Dos 22 alunos que responderam ao questionário, 20 informaram que gostam de ler, enquanto 02 afirmaram não gostar da leitura. Temos, com isso, a necessidade de despertar nesses alunos o gosto pela leitura, que é a base para a formação de um escritor.

Portanto, faz-se imprescindível um trabalho sério com a leitura, abordando sua importância e funcionalidade dentro da sociedade, visto que os alunos demonstram não conhecer bem a leitura, pois até os que afirmaram gostar de ler não leem frequentemente, como podemos constatar no gráfico 3.

Com que frequência você lê?

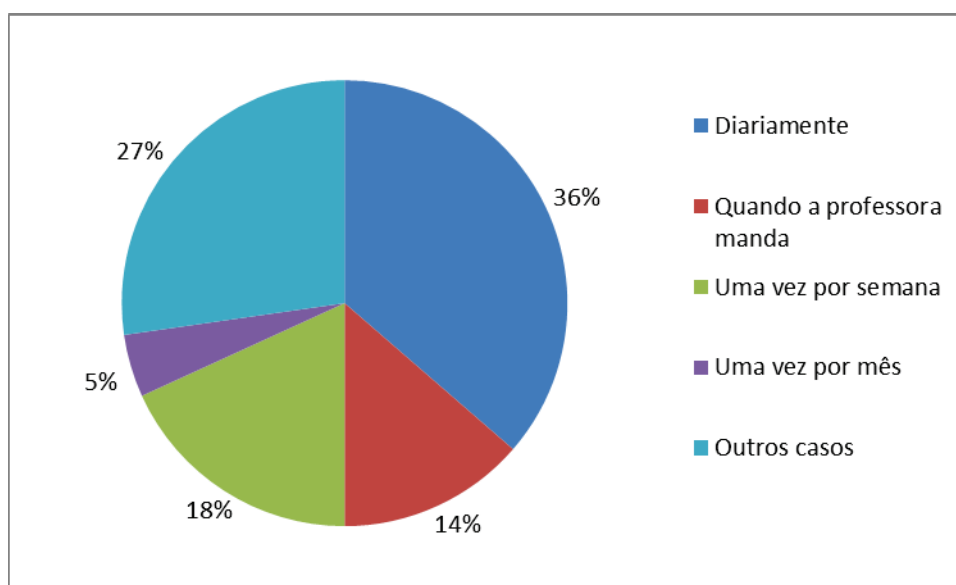


GRÁFICO 03- Frequência de leitura dos alunos

Observando o gráfico, podemos constatar que os alunos não costumam ler com frequência, uma vez que apenas 36% afirmaram ler diariamente. Temos, com isso, uma contradição nas respostas dos alunos, os quais inicialmente afirmaram que gostam de ler, contudo não possuem o hábito da leitura.

A realidade mostrada no gráfico 3, pode ser oriunda da falta de familiaridade dos alunos com a leitura, visto que, tradicionalmente, eles possuem contato com os letramentos orais, ou seja, estão inseridos em ambientes que privilegiam as práticas orais de uso da língua, com isso eles não conseguem conceber a leitura como prática social, algo que está inserido no dia a dia de todos e que pode contribuir para a atuação na sociedade.

Os alunos informantes não compreendem que estão lendo ao acessar o *facebook*, ler uma mensagem no celular e até mesmo na sala de aula ao copiar algum texto, visto que para essa atividade a leitura é necessária. Para esses alunos, ler se resume unicamente à leitura dos livros, a qual é uma leitura extensa e feita geralmente sem uma funcionalidade. Este dado sugere e/ou provoca a necessidade de rever a metodologia do ensino de leitura.

Para um ensino de leitura significativo, é necessário considerar as diferentes formas que os alunos utilizam a língua, ou seja, as práticas de letramento que eles desenvolvem.

Segundo Souza (2012), as práticas de letramento são o conjunto de usos sociais da leitura e da produção textual, e os jovens se engajam em inúmeras dessas práticas, mas elas não são reconhecidas pela escola, o que causa um desinteresse do aluno.

Desse modo, para mudar a realidade do ensino de leitura, a escola deve inserir o que os alunos leem no cotidiano. O professor precisa se fundamentar nos princípios da LA, uma vez que ela lida “com o conhecimento sobre a linguagem, como ela funciona e como é usada para contribuir com questões da vida real” (PEREIRA, 2009, p. 28).

A escola deve formar sujeitos ideológicos, sendo assim, ela precisa oferecer subsídios para que os alunos entendam que ler é fundamental para compreender e acompanhar as transformações sociais. É importante que os alunos concebam a leitura como uma “atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH; ELIAS, 2010a, p. 11).

Em decorrência da realidade mostrada no Gráfico 3 - Frequência de leitura dos alunos -, a maioria dos alunos participantes da pesquisa veem a leitura como tarefa escolar e lazer. Evidenciamos este dado a partir da leitura do gráfico a seguir.

Sua leitura é associada a quê?

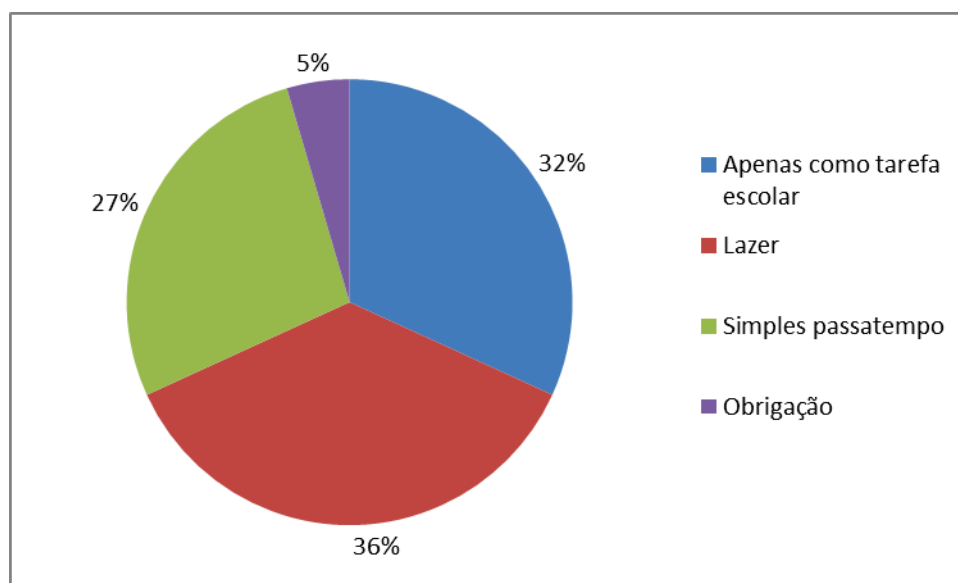


GRÁFICO 04- Motivos da leitura dos alunos

De acordo com os dados, 36% dos alunos leem por lazer. Isso é relevante porque mostra a leitura como prazer e satisfação. Porém, 32% leem apenas como tarefa escolar, o que é preocupante, pois, ao analisar o gráfico anterior, percebemos um conflito de opiniões, visto que nele mais da metade dos alunos responderam não ler com frequência.

No que se refere à definição de leitura, todos os alunos tiveram dificuldade em responder. Mediante as respostas dadas, constatamos que eles não possuem um conceito de leitura. É válido ressaltar que neste caso falamos de um conceito superficial, algo mais genérico, pois sabemos que são alunos da educação básica e com isso não esperávamos

encontrar conceitos bem formulados. Todavia, considerando que são alunos da 3ª série do Ensino Médio, é esperado que tenham algum conhecimento referente à leitura.

Muitos alunos escreveram a função da leitura ao invés da definição do que é leitura para eles, conforme podemos ver nos fragmentos a seguir³.

Como você define leitura?

Aluno informante 1: *A leitura é uma forma de aprendizagem.*

Aluno informante 2: *Instrumento para adquirir mais conhecimentos.*

Aluno informante 3: *Importante para construir um bom texto.*

Aluno informante 4: *Algo real para minha vida, pois através da leitura sei como me expressar.*

De acordo com as respostas dos alunos, é possível perceber que eles, na maioria, não conseguiram formular com precisão um conceito para leitura. Isso demonstra uma falta de conhecimento, o que é preocupante, porque esses alunos são concluintes do Ensino Médio e, nessa fase da educação, entender o que é leitura é extremamente importante.

Um ambiente adequado para incentivar a prática da leitura é a biblioteca. Atualmente, grande parte das escolas públicas possui bibliotecas. No entanto, muitas vezes, elas são pouco visitadas pelos alunos, conforme nos mostra o gráfico seguinte.

Sabendo que sua escola tem biblioteca, com que frequência você costuma visitá-la?

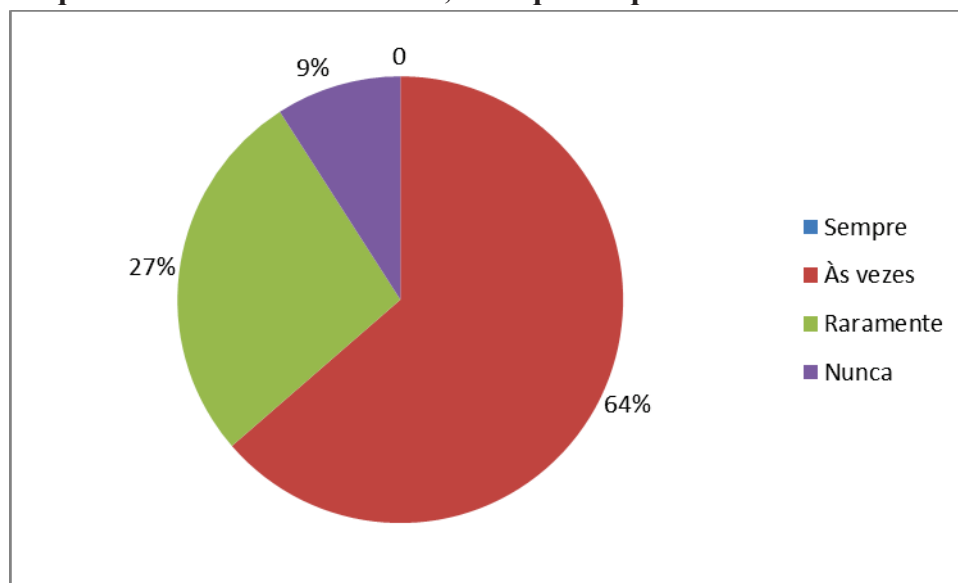


GRÁFICO 05- Frequência das visitas dos alunos à biblioteca da escola

³ As respostas fornecidas pelos alunos colaboradores foram digitadas sem nenhuma alteração e escolhidas aleatoriamente dentre os questionários respondidos.

Conforme os dados do gráfico, 64% dos alunos informaram que às vezes frequentam a biblioteca, 27% responderam raramente e 9% nunca vão à biblioteca. Esta realidade mostra que o uso da biblioteca escolar está distante do ideal, pois ela deveria ser frequentada constantemente pelos alunos.

Dos 22 alunos informantes, nenhum costuma ir sempre à biblioteca e isso pode ser resultado de uma falta de interesse provocada por diversos fatores, como, por exemplo, a falta de estímulo por parte do professor, resistência da escola em emprestar os livros para os alunos ou o fato de muitas vezes as bibliotecas das escolas serem usadas como ambiente do castigo, lugar para onde o aluno vai quando comete alguma indisciplina. Nessas condições, o ambiente da biblioteca é visto pelo aluno como sinônimo de punição.

No que se refere ao uso da biblioteca, o papel da escola e do professor é muito importante, pois eles devem criar estratégias que estimulem o aluno a querer frequentá-la. Para isso, é preciso selecionar materiais de qualidade e orientar bem os alunos quanto ao uso dos livros e do ambiente, visando, deste modo, incentivar no aluno o hábito de ler.

O espaço físico da biblioteca também deve ser adequado, com iluminação, estantes e móveis necessários. Além disso, o aluno deve ter acesso a todos os materiais disponíveis, pois, dessa forma, ele terá prazer em frequentar o espaço e, como consequência, desenvolverá o gosto pela leitura.

3.2 Um olhar sobre as práticas de escrita e reescrita

Para se ter uma boa escrita, é importante, além de conhecimento e técnica, gostar de escrever, sentir prazer ao produzir um texto, e a partir disso querer melhorá-lo. Na pergunta - *Você gosta de escrever? O quê?* - 10 alunos afirmaram que gostam, três não gostam e os demais responderam apenas o que escrevem, mas não informaram se gostam ou não de escrever. Logo, podemos perceber que boa parte da turma gosta de escrever e isso é interessante, porque indica que se houver um ensino de escrita eficiente esses alunos terão interesse e poderão se tornar bons escritores.

Quanto aos gêneros textuais, os alunos afirmaram escrever: poemas, diários, cartas, letras de música, entre outros⁴.

É importante ressaltar que, a expressão *letras de música* foi uma resposta comum nos questionários, isso demonstra que os alunos estão habituados com a prática de copiar textos

⁴ Ver anexos.

em sala de aula, com isso, afirmam que escrevem letras de música quando na verdade copiam letras já existentes. Esse tipo de metodologia considera o aluno como um redator, o qual copia textos ao invés de produzi-los, o que prejudica a aprendizagem da escrita.

Sobre a frequência das solicitações de produção textual, a maioria dos alunos informou que o professor de Português sempre pede que eles escrevam algum texto, como podemos constatar no gráfico que segue.

Com que frequência seu professor (a) de Português pede que você produza um texto?

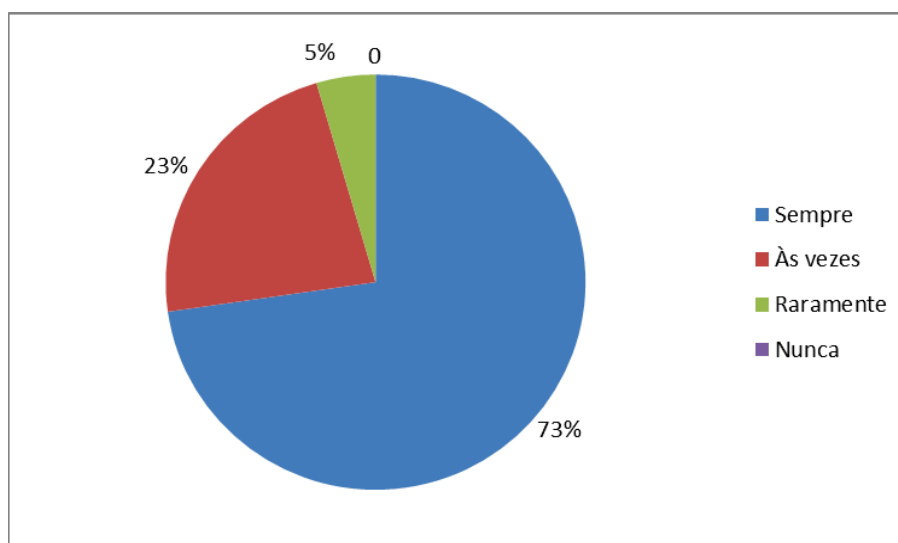


GRÁFICO 06- Frequência das solicitações de produção escrita feitas pelo professor

De acordo com os dados do gráfico, podemos ver que o professor de Português sempre pede produções escritas, visto que 73% dos alunos afirmaram esta informação. Todavia, para que essa prática de escrita seja produtiva, ela precisa ser bem trabalhada, pois cada produção requer um método de ensino que se adeque ao gênero e tema abordados.

Portanto, é preciso acabar, nas aulas de Língua Portuguesa, com a prática da escrita sem função, considerada unicamente como uma redação escolar para obtenção de uma nota. Partimos da concepção de que se a frequência de produção mostrada no gráfico acima acontecer de forma adequada, com certeza os alunos escreverão muito bem. E uma das etapas desse longo processo é a fase da reescrita, momento no qual o aluno poderá revisar seu texto e reescrever para melhorá-lo.

Sobre a prática da reescrita, 21 alunos informaram que o professor sempre pede para que eles reescrevam os textos e 01 aluno escreveu que não sabia responder.

Esse dado é relevante ao mostrar que na turma pesquisada, que é concluinte do Ensino Médio, há a prática da reescrita. Porém, ao serem solicitados a explicar como acontece essa reescrita, os alunos informaram que se trata da procura por erros ortográficos, como mostra os trechos a seguir retirados dos questionários respondidos. É importante ressaltar que 04 alunos não souberam responder a esta pergunta.

Seu professor de Língua Portuguesa costuma pedir para que você reescreva os textos? Sim () Não () Explique:

Aluno informante 1: (Sim) *Para corrigir nossos erros.*

Aluno informante 2: (Sim) *Ele mostra onde estão os erros e manda reescrevermos novamente sem os erros.*

Aluno informante 3: (Sim) *Fazemos redações, o nosso professor corrige nossos erros, nos dá ideias e pede que reescrevamos.*

Aluno informante 4: (Sim) *Para melhorar a minha ortografia, meu rendimento escolar.*

Considerando essas repostas, é notório que a reescrita não acontece como deveria, o que compromete o processo de escrita, visto que, como afirma o Aluno informante 2 reescrever serve para corrigir os erros, o que denuncia que não há uma finalidade específica, além de “limpar/higienizar o texto”.

Os alunos não compreendem que a reescrita é uma das etapas mais importantes do processo de escrita, pois é o momento propício para ler, reler e observar o que pode ser melhorado. Mediante esta realidade, é preciso que o professor desenvolva um trabalho de reescrita significativo, pois só assim “os alunos passam a considerar um texto escrito como resultado de um trabalho consciente, deliberado, planejado, repensado” (FIAD; MAYRINK, 1991, p. 63 *apud* PRESTES, 2001, p. 11), ou seja, entendem que escrever é um processo.

Sobre o que significa a reescrita para os alunos, podemos ver em suas respostas que seus conceitos de reescrita, obviamente, também se resumem em corrigir os textos, conforme os trechos abaixo.

Para você o que é reescrever um texto?

Aluno informante 1: *É corrigir. Reescrevendo temos a certeza de que nosso texto está correto.*

Aluno informante 2: *Concertar meus erros de escrita.*

Aluno informante 3: *Aprender mais sobre a ortografia da Língua Portuguesa.*

Aluno informante 4: *Tentar concertar o que se errou no primeiro texto.*

De acordo com os trechos acima, fica evidente a falta de conhecimento sobre o que significa uma verdadeira prática de reescrita para esses alunos, uma vez que, de acordo com o Aluno informante 4, reescrever é “*tentar concertar o que errou no primeiro texto*”.

Segundo Antunes (2003, p. 55), a reescrita “corresponde o momento de análise do que foi escrito”. Assim, é uma prática que deve ser constante na sala de aula para formar alunos escritores.

Contudo, observando as respostas dos alunos informantes, concluímos que, nesta turma, a reescrita consiste apenas na correção feita pelo professor, através da qual ele aponta os erros e pede que os alunos refaçam suas produções, excluindo tais erros, não há nenhuma preocupação sobre a coesão e, sobretudo, coerência textuais, mas apenas pela estrutura e aspectos gramaticais, aumentando o desinteresse e a resistência dos alunos em reescrever os textos, pois sabem que irão apenas corrigir os aspectos referentes à microestrutura textual, como por exemplo, a pontuação e a ortografia. Essa metodologia torna a aula de produção textual enfadonha, além de desmotivar os alunos.

Com isso, podemos afirmar que as aulas de produção textual desses alunos estão distantes dos princípios defendidos pelo ISD, segundo o qual a língua é concebida como um fenômeno da interação social, pois mediante as respostas dos alunos observamos que eles participam de uma metodologia de trabalho com a escrita que desconsidera os fatores sociais externos ao texto e o professor centra-se unicamente na superficialidade do texto.

É importante ressaltar que a correção ortográfica faz parte do processo de reescrita, o erro acontece quando ela é considerada como única etapa da reescrita.

3.2.1 Concepções de escrita

Para realizar um trabalho significativo com a escrita, faz-se necessário que o aluno compreenda o que é escrita e tenha a consciência de que está sempre escrevendo no dia a dia. Ele precisa compreender a escrita como uma atividade interativa.

Contudo, na questão - *Essa semana o que você escreveu?*- alguns alunos responderam que escreveram as atividades e redações na sala de aula e outros afirmaram que não escreveram nada, conforme os trechos abaixo:

Essa semana o que você escreveu?

Aluno informante 1: *Texto argumentativo dissertativo e uma carta aberta.*

Aluno informante 2: *Nada..*

Aluno informante 3: *Uma redação.*

Aluno informante 4: *Essa semana ainda não escrevemos.*

Logo, para esses alunos, escrever se resume unicamente à redação de textos na escola. Eles não compreendem que a escrita abrange praticamente todos os ambientes sociais que estão inseridos, e que escrevem ao fazer um comentário no *facebook*, mandar um *e-mail*, deixar um bilhete com um recado para alguém, preencher um formulário, ou seja, os alunos não compreendem a escrita como uma prática social.

De acordo com Antunes (2003, p. 45), a escrita é “uma atividade interativa de expressão, de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças, ou dos sentimentos que queremos partilhar”. Nesses termos, é imprescindível que o trabalho em sala de aula com a escrita seja embasado nesta afirmação para obter êxito no tocante à aprendizagem dos alunos.

Na pergunta - ***Como você define escrita?***- os alunos apresentaram dificuldades para formular um conceito, de modo que alguns escreveram respostas soltas como *boa; ótimo; cansativa; muito importante* ou construções como *passar para o papel as informações; testar os conhecimentos*, entre outras.

Essas respostas denotam a dificuldade dos alunos em escrever, visto que alguns não conseguiram elaborar enunciados coerentes nas suas respostas, mas apenas palavras soltas e sem contextualização. Essa deficiência dos alunos no tocante à escrita pode ser modificada inserindo nas aulas a contribuição da LA, a qual se dedica a problemas relacionados aos “aspectos da competência linguística e comunicativa do indivíduo” (PEREIRA, 2009, p. 32). Logo, a LA pode melhorar o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos.

Um dado importante é que dos 22 alunos, 09 escreveram que a escrita é a forma de expressão do pensamento, dos sentimentos ou das ideias, como podemos verificar nos trechos apresentados nesse momento:

Como você define escrita?

Aluno informante 1: *Maneira que você expressa o que pensa.*

Aluno informante 2: *Algo em que possa me expressar.*

Aluno informante 3: *É a expressão de expor meus conhecimentos.*

Aluno informante 4: *Um meio no qual expressamos nossas ideias.*

Com isso, concluímos que a concepção de escrita com a qual eles estão familiarizados é a de escrita como expressão do pensamento. No entanto, na pergunta seguinte, que aborda as

concepções de escrita, a maioria dos alunos respondeu que escrita é uma habilidade adquirida através da prática e, nesse caso, a escrita é vista como processo iterativo (conforme o gráfico 07). Esse conflito de respostas demonstra a flutuação da formação do professor, o qual, geralmente, não desenvolve uma prática de ensino que possibilite ao aluno formular um conceito coerente sobre escrita.

Para você escrever bons textos é:

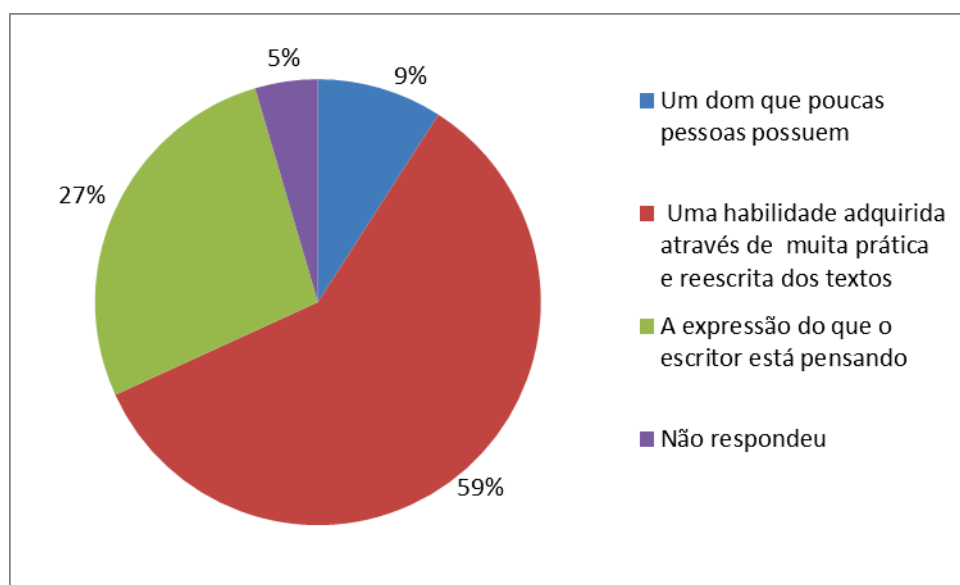


GRÁFICO 07- Conceção de escrita dos alunos

Mediante esta confusão de repostas, percebemos que esses alunos não possuem um conceito firme de escrita, uma vez que responderam uma pergunta de uma forma e na questão seguinte contradizem a primeira. Logo, eles não estão familiarizados com uma concepção de escrita, daí se confundirem com facilidade. Esse conflito de respostas também é resultante da falta de leitura, visto que os alunos não leram atentamente para perceberem as semelhanças entre as questões.

Além disso, mediante as respostas dos alunos nas questões anteriores, fica evidente que eles não exercitam a escrita enquanto processo, logo não compreendem que escrever é uma prática que possibilita a interação e a comunicação entre as pessoas. Desse modo, de acordo com as repostas percebemos que as aulas sobre escrita desses alunos se distanciam das concepções defendidas pelo ISD, uma vez que segundo Pereira (2010b, p. 174), “uma das máximas defendidas pelo ISD refere-se à noção de linguagem como ação, ou seja, a partir do uso situado da linguagem, agimos na sociedade e nos desenvolvemos cognitivamente”.

Para modificar esta realidade, devem ser desenvolvidas atividades que concebam a língua escrita como interação entre sujeitos, considerando os parâmetros que influenciam na organização textual, estabelecidos pelo ISD. De acordo com esses parâmetros, o texto resulta de uma ação verbal concreta e nele estão considerados, implicitamente, aspectos sobre produtor, interlocutor, momento de produção, subjetividade, ou seja, produzir um texto é um processo interativo que envolve o social e a subjetividade, isso resulta em textos bem escritos, ricos em argumentação e ideias.

Assim, Pereira (2009, p. 120) elucida que “um texto materializado empiricamente consegue agregar todo um conjunto de fatores de ordem social e psicológica responsável por sua constituição”.

Logo, é essencial que a prática de ensino da escrita considere a concepção de escrita como prática social e instrumento de interação entre os sujeitos e com isso contribua para que os alunos ativem os conhecimentos citados por Kock e Elias (2009) -linguístico, enciclopédico, de textos e os conhecimentos interacionais- e compreendam as várias modalidades da língua escrita e os gêneros em que são materializadas, sendo capazes de produzi-los.

Pautada nas contribuições da LA no que se refere ao ensino da escrita, Corrêa (2008) afirma que a escrita é uma atividade heterogênea, visto que ao produzir um texto o escritor relaciona os elementos textuais (aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos); os aspectos linguísticos que definem a variante (formal/informal) da língua adequada ao texto produzido; os diálogos com outros textos e as experiências pessoais do escritor. Esse caráter heterogêneo deve ser considerado no trabalho com a escrita, visando à realização de um processo de ensino-aprendizagem eficaz.

3.3 O conhecimento sobre os gêneros textuais

Um fator extremamente relevante no ensino-aprendizagem da escrita é o conhecimento acerca dos gêneros textuais, pois, como afirma Marcuschi (2003), todos os textos acontecem sempre através de um gênero textual. Conhecê-los é necessário para desenvolver e aprimorar as habilidades de ler e escrever.

Contudo, no que se refere ao conhecimento que os alunos possuem sobre os gêneros, percebemos que eles não sabem defini-los: dos 22 alunos que responderam ao questionário, 09 não souberam responder esta questão e os demais confundem os gêneros com os tipos textuais, como podemos conferir nos trechos que se seguem:

O que você entende sobre gênero textual?

Aluno informante 1: *São os tipos de textos.*

Aluno informante 2: *É os tipos de texto que existe.*

Aluno informante 3: *É o texto escrito em diversos segmentos, panfletos, torpedos, etc.*

Aluno informante 4: *Uma carta aberta.*

Observando os trechos acima, notamos que há uma confusão entre gênero e tipo textual, e as repostas que se aproximam do que é o gênero também não são precisas como, por exemplo, as respostas dos Alunos informantes 3 e 4, as quais trazem exemplos de gênero, mas não abordam o conceito, já os alunos 1 e 2 afirmam que gênero é o tipo de texto, o que nos habilita afirmar que esses alunos não possuem conhecimentos teóricos acerca dos gêneros: eles produzem, mas não sabem que se trata de um gênero textual. Essa realidade denota a precariedade da formação docente e/ou do livro didático de Língua Portuguesa.

Isso implica dizer que é necessário e urgente um trabalho que aborde profundamente os gêneros, enfocando sua estrutura, estilo e funcionalidade dentro da sociedade. Essa necessidade é uma realidade do Ensino Fundamental e Médio. Contudo, acreditamos que há uma urgência maior no Ensino Médio, tendo em vista que são alunos próximos das universidades e do mercado de trabalho e para esses momentos da vida ter conhecimento sobre os gêneros, certamente, será muito útil para esses jovens.

É relevante o trabalho com os gêneros textuais porque eles fazem parte do cotidiano das pessoas, uma vez que estão inseridos nas práticas de linguagem por elas utilizadas e se adequam às necessidades dos sujeitos. À luz de Bronckart (1999, *apud* PEREIRA, 2009, p. 121), “os gêneros são transformados pelas formações sociais contemporâneas”, sendo assim, estão sempre evoluindo e resultando no surgimento de novos gêneros.

A partir do entendimento acerca dos gêneros, o sujeito pode produzi-los com mais facilidade e propriedade, uma vez que segundo Pereira (2009, p. 121) “com base em seu conhecimento dos gêneros e de suas condições de uso, o agente escolhe um modelo textual”. Esse contato prévio com os gêneros influencia na aprendizagem da escrita.

De acordo com as respostas dos alunos é notória a defasagem da aprendizagem no que se refere ao estudo sobre os gêneros. Partindo dessa notoriedade, é preciso que o professor considere como prioridade o trabalho com os gêneros, que pode ser feito com o apoio das sequências didáticas, desenvolvidas por Schneuwly & Dolz, segundo os quais “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, *apud* PEREIRA, 2009, p. 121). Daí a necessidade dos

professores investirem em formação continuada que discutam sobre metodologias contemporâneas de ensino de língua!

Para Bronckart (1999), na realização de uma ação de linguagem (produção textual) são mobilizados muitos conhecimentos por parte do produtor, relacionados ao contexto social de produção, ao tema e as suas intenções pessoais, esses conhecimentos são construídos na interação entre os discursos dos sujeitos.

Portanto, o trabalho em sala de aula deve abordar os gêneros por meio de uma perspectiva social, mostrando os usos reais desses gêneros dentro da sociedade, pois com isso o aluno terá interesse e aprenderá a ler e escrever satisfatoriamente. Contudo, é relevante afirmar que para um trabalho produtivo é preciso disposição do professor e interesse dos alunos, ou seja, todos precisam se envolver no processo de ensino-aprendizagem.

3.4 A relação entre leitura e escrita

Um aspecto que enfatizamos ao longo deste trabalho é a relação existente entre leitura e escrita, considerada por nós como algo indissociável, visto que são atividades que se completam, pois, como apresenta Antunes (2003, p. 66-67), “a leitura é parte da interação verbal escrita [...] é por isso uma atividade de interação entre sujeitos”.

Assim, questionamos os alunos com o intuito de saber como eles veem essa ligação (leitura e escrita). Através das respostas fornecidas, podemos concluir que, segundo eles, para escrever bem, é preciso ler muito, visto que os 22 alunos escreveram justificando a relevância desta relação, conforme notamos nos trechos seguintes:

Em sua opinião, para escrever bem é preciso ler bem? Justifique sua resposta:

Aluno informante 1: *Sim, pois a leitura nos ajuda a escrever corretamente.*

Aluno informante 2: *Sim, pois com a leitura a pessoa adquire conhecimento na escrita.*

Aluno informante 3: *Sim, porque se eu leio muito escrevo bem.*

Aluno informante 4: *Sim, tudo que é aprendido na leitura é transferido para o papel com mais facilidade.*

De acordo com as respostas, torna-se evidente que para os alunos informantes ler e escrever são atividades que funcionam em conjunto, pois, conforme a resposta do informante 2, “com a leitura a pessoa adquire conhecimento na escrita”. Desse modo, podemos afirmar que essas respostas estão de acordo com o posicionamento de Garcez (2004, p. 23), para quem “a escrita não pode ser considerada desvinculada da leitura”.

Sobre essa relação, Souza (2012, p. 61) afirma que “a grande matéria-prima do trabalho escolar ainda é a palavra escrita, nas atividades de ler, escrever e pensar sobre o que leram e escreveram”. Esse posicionamento da autora nos remete à escrita enquanto um processo que considera a leitura, produção e reflexão sobre o texto produzido.

Considerar a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem da escrita é fundamental, pois, segundo Antunes (2003, p. 70), “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”.

Desse modo, a leitura contribui para a melhoria significativa da escrita, pois lendo o indivíduo se familiariza com a estrutura dos gêneros, aprende a grafia das palavras, aumenta o vocabulário e a habilidade de argumentar e, a partir disso, consegue produzir um texto com ideias interligadas, constituído por início, desenvolvimento e conclusão, ou seja, o aluno se torna num escritor que escreve textos coerentes, bem elaborados, justificando a relevância da relação entre leitura e escrita.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Estamos inseridos numa sociedade na qual “ler e escrever mostra-se essencial para alguém tornar-se um estudante e prosseguir aprendendo, dentro e fora dos muros escolares” (SOUZA, 2012, p. 59).

Desse modo, possuir habilidades de leitura e escrita é essencial para a atuação social, tendo em vista que essas modalidades da língua estão presentes em todos os ambientes sociais. Considerando essa necessidade do sujeito, a partir da qual ele deve ser um leitor e escritor, a escola mostra-se como ambiente propício para ajudá-lo a ler e escrever de modo satisfatório, pois com isso ele poderá participar ativamente dos acontecimentos que o cerca.

Sendo assim, no que tange aos objetivos desta pesquisa, sobre as práticas de escrita dos alunos no Ensino Médio, constatamos, através das respostas ao questionário, que os alunos participantes não exercitam a escrita como processo, visto que eles não concebem a reescrita como parte fundamental, uma vez que em suas aulas reescrever é basicamente refazer o texto retirando os erros ortográficos.

Isto denota a necessidade em rever as práticas de ensino, as quais devem ser pautadas numa concepção de escrita como processo de interação entre os sujeitos, algo essencial na construção de identidades e nas relações sociais.

No que se refere à metodologia de ensino da escrita, Ferraz (2011) menciona que as aulas de produção textual devem ter como base um trabalho pedagógico que vise à formação de escritores competentes, os quais são capazes de produzir e olhar criticamente para o próprio texto, observando o que pode ser modificado no momento da reescrita.

Através da análise dos dados, verificamos que os alunos não possuem conceitos de leitura e escrita, logo não conhecem sua relevância dentro da sociedade. Desse modo, é preciso desenvolver aulas de produção textual que possibilitem ao aluno formular os seus próprios conceitos sobre leitura e escrita e, para isso, considerar o que eles leem e escrevem nos ambientes externos à escola é essencial, pois assim eles se sentirão valorizados e com certeza terão interesse pela escrita.

Segundo Souza (2012, p. 60), nas aulas de escrita, “deve-se ter o cuidado de procurar, dentro do possível, aproximar os modos de ler e escrever realizados na escola (práticas escolarizadas) daquelas práticas de leitura e escrita ocorridas fora da escola”, além disso, é preciso mostrar a funcionalidade da escrita para que o aluno compreenda o porquê e para quê está escrevendo. A dificuldade dos alunos de se posicionarem sobre o que é leitura e escrita

advém, a nosso ver, de metodologias de ensino que não incentivam a construção de um conhecimento sobre leitura e escrita como atividades genuinamente sociais.

Souza (2012) afirma também que os alunos precisam compreender que escrevem para si conhecer, pois a partir do que conhecem e desejam para si próprios eles podem atribuir sentidos aos conteúdos ensinados na escola e, por conseguinte, conseguem aprender mais e interagir com os outros sujeitos.

Analisando os questionários respondidos, constatamos também que há um desconhecimento dos alunos acerca dos gêneros textuais, tendo em vista que a maioria dos alunos confunde gênero com os tipos de texto. Dessa forma, faz-se necessário uma metodologia de ensino que privilegie os gêneros, os quais são extremamente úteis no ensino-aprendizagem da escrita, visto que os textos se materializam sempre nos gêneros e estes, por sua vez, possibilitam a comunicação em sociedade.

Um dado interessante encontrado nas respostas dos alunos é que eles afirmaram que, para escrever bem, é preciso ler, demonstrando que eles entendem a importância da leitura na produção textual. Com isso, cabe ao professor explorar a leitura dos alunos, criando mecanismos que os levem a ler compreendendo os textos e adquirindo conhecimentos.

Logo, os alunos precisam ler sem a solicitação do professor. Antunes (2003, p. 83) afirma que os alunos devem ser estimulados a realizar uma “leitura gratuita [...] sem qualquer tipo de cobrança posterior”, considerando que suas leituras são relevantes e procurando aumentá-las por meio da leitura de gêneros variados.

De acordo com a realidade encontrada nas repostas dos alunos, é notória a necessidade em rever a metodologia do trabalho com a escrita e, para tanto, é importante que todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem se dediquem, pois desta forma o ensino será significativo.

O professor, um dos principais responsáveis pela aprendizagem dos seus alunos, precisa estar em constante processo de aprendizagem, estudando, atualizando-se e conhecendo as novas teorias que possam melhorar a qualidade do seu trabalho e, na medida do possível, inserindo-as no seu dia a dia de sala de aula.

A educação possui muitos problemas, os quais interferem consideravelmente no trabalho do professor, comprometendo sua prática e consequentemente a aprendizagem dos alunos. Contudo, mesmo inserido num ambiente repleto de obstáculos, é preciso que o docente se dedique ao seu trabalho, estude e prepare cuidadosamente suas aulas sobre escrita, visando acabar com o pensamento de que aula de produção textual é a aula que não foi planejada, na qual o aluno é solicitado a escrever um texto sem orientações específicas quanto

ao gênero e função, é informado somente acerca do tema e quantidade de linhas determinados. Portanto, é imprescindível que o professor se esforce para realizar um trabalho relevante, capaz de desenvolver com os alunos a escrita enquanto atividade social e objeto de interação.

No que se refere aos alunos, é essencial que eles procurem participar ativamente das aulas, tenham interesse e disciplina. Eles precisam querer aprender, pois só assim o ensino será produtivo. Além disso, é importante que vejam o professor como um facilitador, alguém que está na escola para ajudá-lo a aprender.

Quanto aos alunos do Ensino Médio, participantes desta pesquisa, os quais geralmente são adolescentes, é importante que eles considerem a escrita como algo necessário para o crescimento enquanto ser humano e futuro profissional, uma vez que ler e escrever bem é uma habilidade que contribui para a ascensão no trabalho e para a melhoria das relações interpessoais.

Portanto, a aprendizagem requer o empenho de alunos e professores e como estes últimos geralmente são considerados pela sociedade como os responsáveis pela aprendizagem dos alunos sugerimos que procurem atualizar suas concepções de escrita, assim como as práticas de ensino, e que mesmo diante das inúmeras dificuldades existentes na educação, procurem levar para a sala de aula um ensino de qualidade, que seja eficaz e incentive o aluno a se interessar pelo que está estudando, considerando a função e relevância que a escrita possui na sua formação enquanto um sujeito que pertence a uma sociedade e que nela participa ativamente.

Sobre o ensino de Língua Portuguesa, os PCN (BRASIL, 2000, p. 18) afirmam que

o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa (trabalho com a escrita) deve basear-se em propostas interativas de língua/ linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral. Essa concepção destaca a natureza social e interativa da linguagem.

Para isso, a prática docente deve ser articulada à proposta do ISD - Interacionismo Sociodiscursivo - segundo a qual os alunos são vistos como agentes sociais do processo educativo e a metodologia de ensino desenvolvida pelo professor reúne os conhecimentos acerca da língua e os fatores externos no processo de ensino-aprendizagem, considerando, dessa forma, a realidade dos alunos, sua cultura, costumes e conhecimentos, ou seja, os usos sociais da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BAZERMAN, C. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.
- BRONCKART, J. P. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: MACHADO, A. R.; MATÊNCIO, M. L. L. (Orgs.). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2006, p. 121-160.
- _____. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- BUNZEN, C.; MENDONÇA, M.; KLEIMAN, A. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In: *Português no ensino médio e formação do professor*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 139-161.
- CORRÊA, M. L. G. O estatuto da Linguística Aplicada no campo das ciências da linguagem e o ensino da escrita. In: *Revista da Abralin*. v. 7, n. 2. Jul./Dez. 2008. p. 243-271.
- FELDMANN, M. G. Formação de professores e cotidiano escolar. In: _____ (Org.). *Formação de professores e escola na contemporaneidade*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009, p. 71-80.
- FERRAZ, M. M. T. A prática de produção textual como um processo contínuo: reflexões sobre avaliação e reescrita. In: PEREIRA, R. C. M. *Entre teorias e práticas: o quê e como ensinar nas aulas de português*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, p. 141-165.
- GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. SEE – Secretaria de Estado de Educação. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand. *Projeto Político-Pedagógico: Uma Pedagogia Diferenciada: Transformando o sujeito-aluno em sujeito-social*. Campina Grande, 2012.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. E. Gêneros textuais. In: _____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010a. p. 101-122.

_____. Leitura, texto e sentido. In: _____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010b. p. 09-37.

_____. Escrita e interação. In: _____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 31-52.

GARCEZ, L. H. C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Homepage da AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada) Disponível em: <<http://www.aila.info/en/about.html>> Acessado em 03/01/2014 às 18h37min.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. 5. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Â.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. P. (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. M.; ROCA, M. P. (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

PEREIRA, R. C. M. Ações de linguagem e prática docente: desafios e avanços na formação continuada. In: _____. (Org.). *Ações de linguagem: da linguagem continuada à sala de aula*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010a, p. 17-33.

PEREIRA, R. C. M. Práticas de escrita e reescrita na sala de aula: Desafios para alunos e professores. In: _____. (Org.). *Ações de linguagem: da linguagem continuada à sala de aula*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010b, p. 172-193.

_____. A construção social e psicológica de texto escrito. In: _____. ROCA, M. P. (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 113-142.

PRESTES, M. L. M. A leitura, a escritura e a reescritura. In: _____. *Leitura e (Re) escritura de textos: subsídios teóricos e práticos para o seu ensino*. 4. ed. São Paulo: Rêspel, 2001, p. 01-18.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

SEVERINO, A. J. Modalidades e metodologias de pesquisa científica. In: *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 117-126.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

SOUZA, A. L. S.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. *Letramentos no ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, L. L. M. (et al). Do ser leitor e ser escritor. In: _____. *O ensino de língua portuguesa no 1º grau*. São Paulo: Atual, 1986, p. 39-57.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um termo de consentimento para a realização da pesquisa monográfica “O PERFIL ESCRITOR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE- PB”- título provisório- desenvolvida por MARIA CÉLIA DO NASCIMENTO, aluna do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do Prof. Ms. MANASSÉS MORAIS XAVIER.

O objetivo geral da pesquisa é identificar o perfil escritor dos alunos que estão cursando o Ensino Médio na rede pública de ensino da cidade de Campina Grande- PB. Dentre os específicos, destacamos: A) analisar quais as concepções de escrita que os alunos possuem; B) identificar quais são as práticas de escrita e leitura às quais os alunos estão expostos; C) identificar, através das respostas obtidas no questionário aplicado, se os alunos costumam realizar a reescrita textual.

Nesses termos, solicitamos a sua autorização para apresentar os dados colhidos com o questionário e para mostrar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos da área de Educação, Linguística e/ou Linguística Aplicada. Por ocasião da publicação dos resultados, os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo ou substituídos por nomes fictícios.

Esclarecemos que a sua participação é voluntária e o pesquisador estará a sua disposição para possíveis esclarecimentos que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo favor entrar em contato com a pesquisadora MARIA CÉLIA DO NASCIMENTO, através do telefone celular (83) 8680-3906 e/ou pelo e-mail *celia.eter@gmail.com*.

AUTORIZAÇÃO

Diante do exposto, declaramos que fomos devidamente esclarecidos (as) e damos o nosso consentimento para a realização da pesquisa e para a publicação dos resultados.

1. Lucas Candido Vieira
2. Renanda G. Celhu
3. Beatriz da E. de Souza
4. Notholia da Silva Gomes
5. Barissa Silva Lima
6. Lucas Teixeira
7. Antônia de Lima Frazão

8. Guim Kethelen de Sousa Borges
9. Danielly Figueirões de L. Sales
10. Elisson Clemente Coelho
11. Heliona Camille de O. Santos
12. Luany Thaila L. da Silva.
13. Ricardo Roberto dos Santos
14. Daniel Renualdes dos Santos
15. Flammar Karolayenne Pereira.
16. IVES ROMERO SOARES SANTANA
17. Jose de Arimateus Nunes
18. Carlos Henrique Fernandes Santos
19. Andre Luiz Custodio da Silva
20. Washington Albuquerque
21. Eugênia Maria do Nascimento
22. Fátima de Oliveira Almeida.
23. Marissa Cristofany Lima Batista
24. Lizandra da Silva Batista.
25. Rayane Franca de Oliveira
26. Adriana da Silva Galvão
27. Elen de Araújo
28. Júlia Cristina Almeida de Oliveira
29. Arthur Fernandes da Silva
30. Joniel Marques de Sousa
31. Arthur Borges Sousa
32. Joãoilson Dias do Nascimento
33. Demmy Costa Alves
34. Mister Emily de Souza Pereira.
35. Daiane Gomes de Araújo.
36. Dayron Costa Alves.
37. Maria Clara Costa Sousa
38. Andressa dos Santos
39. Carolina Santos Silva
40. Luciane da Silva Souza.
41. Edmen do Silva e Silva

42. geyza Alves do Nascimento
43. Isminia de Almeida Lira
44. Maria Joice Correia Fereira
45. Rapela de Brito Moreira
46. Maria Aparecida Amaro Soares
47. Prilton dos Anjos
48. Epicleme Teixeira de Sousa
49. Almeida Dantas da Silva
50. Carissa Helen dos Santos Silva
51. Amanda Oliveira da Silva
52. Thaynara Gabriel Alves de Farias
53. Natália Renaty Pereira da Cruz
54. Aryanne Pereira Monteiro
55. Angelânia Martins do Nascimento
56. Alcimide Dias do Nascimento
57. Thaynara Alves do S. Alves
58. Altamar de Menezes Teixeira
59. José Alexandre Vazquez de Oliveira
60. Anderson Medeiros
61. Renato dos Anjos
62. Rafael Silva Vasconcelos
63. Uesmar Dias do Nascimento
64. Matheus Silva Bandão

Desde já, agradecemos a colaboração. Atenciosamente,

Maria Célia do Nascimento
 MARIA CÉLIA DO NASCIMENTO
 (Pesquisadora)

Campina Grande- PB, 18 de Setembro de 2013.

Anexo B – Questionários socioculturais respondidos

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand

Campina Grande – PB, 18 de Setembro de 2013.

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Manhã)

Pesquisa: “O PERFIL ESCRITOR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE- PB”

Responsáveis: Maria Célia do Nascimento

(Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier

(Orientador)

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

01. Sexo: MASCULINO () FEMININO (X)

02. Idade: 17 anos

03. Profissão do pai: Moto-taxi

04. Profissão da mãe: Comerciante

05. Contando com você, quantas pessoas residem na sua casa/apartamento? 3

06. Em que faixa de renda mensal se encontra sua família?

() Um salário mínimo

() Acima de cinco salários mínimos

(X) Dois a cinco salários mínimos

() Outro

07. Você exerce alguma atividade remunerada?

(X) NÃO () SIM Qual: _____

08. Você tem computador conectado à Internet em casa? SIM (X) NÃO ()

09. Você cursou o ensino fundamental:

(X) Somente em escola pública

() Maior parte em escola particular

() Somente em escola particular

() Outros

() Maior parte em escola pública

10. Você está cursando o ensino médio:

- ☒ Somente em escola pública
☐ Cursou o primeiro ano do ensino médio em escola particular
☐ Outros

11. Você gosta de ler? SIM ☒ NÃO ☐

Em caso de resposta positiva, com que frequência você ler?

- ☐ Diariamente
☐ Quando a professora manda
☒ Uma vez por semana
☐ Uma vez por mês
☐ Outros casos

12. Sua leitura é associada a quê?

- ☐ Apenas como tarefa escolar
☒ Lazer
☐ Simples passa tempo
☐ Obrigação

13. Como você define leitura?

Leitura é algo essencial para o nosso conhecimento, através da leitura criamos novas próprias opiniões.

14. Sabendo que sua escola tem biblioteca, com que frequência você costuma utilizá-la?

- ☐ Sempre
☐ Às vezes
☒ Raramente
☐ Nunca

15. Você gosta de escrever? O quê?

Eu gosto de redação, e também gosto de compor músicas.

16. Como você define escrita?

A escrita assim como a leitura, é essencial, para praticarmos e testar os nossos conhecimentos.

17. Com que frequência seu professor (a) de português pede que você produza um texto?

☒ Sempre

☐ Raramente

☐ Às vezes

☐ Nunca

18. Seu professor de Língua Portuguesa costuma pedir para que você reescreva os textos?

SIM ☒ NÃO ☐

Explique: Fazemos redações, o nosso professor corrige nossos erros, nos dá ideias e pede que reescrevamos.

19. Para você o que é reescrever um texto?

É corrigir. Reescrevendo temos a certeza de que nosso texto está correto.

20. Para você escrever bons textos é: (Marque apenas uma opção)

☐ Um dom que poucas pessoas possuem.

☐ É uma habilidade adquirida através de muita prática e reescrita dos textos.

☒ É a expressão do que o escritor está pensando, logo depende do conhecimento de mundo do escritor.

21. Essa semana o que você escreveu?

Músicas.

22. O que você entende sobre gênero textual?

É o tipo de texto.

23. Em sua opinião, para escrever bem é preciso saber ler bem? Justifique sua resposta:

Sim, uma coisa depende da outra, é preciso ser bom na leitura para ser bom na escrita.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand

Campina Grande – PB, 18 de Setembro de 2013.

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Manhã)

Pesquisa: “O PERFIL ESCRITOR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE- PB”

Responsáveis: Maria Célia do Nascimento

(Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.– UEPB)

Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier

(Orientador)

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

01. Sexo: MASCULINO () FEMININO (X)

02. Idade: 17

03. Profissão do pai: Senente

04. Profissão da mãe: Auxiliar de limpeza.

05. Contando com você, quantas pessoas residem na sua casa/apartamento? 3

06. Em que faixa de renda mensal se encontra sua família?

(X) Um salário mínimo

() Acima de cinco salários mínimos

() Dois a cinco salários mínimos

() Outro

07. Você exerce alguma atividade remunerada?

(X) NÃO () SIM Qual: _____

08. Você tem computador conectado à Internet em casa? SIM () NÃO (X)

09. Você cursou o ensino fundamental:

(X) Somente em escola pública

() Maior parte em escola particular

() Somente em escola particular

() Outros

() Maior parte em escola pública

10. Você está cursando o ensino médio:

- ☒ Somente em escola pública
☐ Cursou o primeiro ano do ensino médio em escola particular
☐ Outros

11. Você gosta de ler? SIM (☒) NÃO (☐)

Em caso de resposta positiva, com que frequência você ler?

- ☐ Diariamente
☐ Quando a professora manda
☐ Uma vez por semana
☐ Uma vez por mês
☒ Outros casos

12. Sua leitura é associada a quê?

- ☐ Apenas como tarefa escolar
☒ Lazer
☐ Simples passa tempo
☐ Obrigação

13. Como você define leitura?

Algo real para minha vida, pois através da leitura sei
como me expressar.

14. Sabendo que sua escola tem biblioteca, com que frequência você costuma utilizá-la?

- ☐ Sempre
☐ Às vezes
☒ Raramente
☐ Nunca

15. Você gosta de escrever? O quê?

Sim. poemas, cartas, Diário, redações

16. Como você define escrita?

e a expressão de expor meus conhecimentos.

17. Com que frequência seu professor (a) de português pede que você produza um texto?

() Sempre

(X) Raramente

() Às vezes

() Nunca

18. Seu professor de Língua Portuguesa costuma pedir para que você reescreva os textos?

SIM (X) NÃO ()

Explique: porque ~~sempre~~ temos muitos erros.

19. Para você o que é reescrever um texto?

e aprender e ver os erros

20. Para você escrever bons textos é: (Marque apenas uma opção)

() Um dom que poucas pessoas possuem.

(X) É uma habilidade adquirida através de muita prática e reescrita dos textos.

() É a expressão do que o escritor está pensando, logo depende do conhecimento de mundo do escritor.

21. Essa semana o que você escreveu?

carta, Poema e Redações e uma carta Aberta

22. O que você entende sobre gênero textual?

não me lembra.

23. Em sua opinião, para escrever bem é preciso saber ler bem? Justifique sua resposta:

Sim. Porque se eu leio muito, escrevo bem.

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand
Campina Grande – PB, 18 de Setembro de 2013.

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Manhã)

Pesquisa: “O PERFIL ESCRITOR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS
PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE- PB”

Responsáveis: Maria Célia do Nascimento

(Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier

(Orientador)

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

01. Sexo: MASCULINO (X) FEMININO ()

02. Idade: 19 ANOS

03. Profissão do pai: GARÇON

04. Profissão da mãe: RE COMERCIANTE

05. Contando com você, quantas pessoas residem na sua casa/apartamento? 2

06. Em que faixa de renda mensal se encontra sua família?

() Um salário mínimo

() Acima de cinco salários mínimos

(X) Dois a cinco salários mínimos

() Outro

07. Você exerce alguma atividade remunerada?

() NÃO (X) SIM Qual: CURSO DO SINAÍ

08. Você tem computador conectado à Internet em casa? SIM (X) NÃO ()

09. Você cursou o ensino fundamental:

(X) Somente em escola pública

() Maior parte em escola particular

() Somente em escola particular

() Outros

() Maior parte em escola pública

10. Você está cursando o ensino médio:

- ☒ Somente em escola pública
☐ Cursou o primeiro ano do ensino médio em escola particular
☐ Outros

11. Você gosta de ler? SIM ☒ NÃO ☐

Em caso de resposta positiva, com que frequência você ler?

- ☒ Diariamente
☐ Quando a professora manda
☐ Uma vez por semana
☐ Uma vez por mês
☐ Outros casos

12. Sua leitura é associada a quê?

- ☐ Apenas como tarefa escolar
☒ Simples passa tempo
☐ Lazer
☐ Obrigação

13. Como você define leitura?

LEITURA NÃO É SOMENTE PARÁFRASES ESCITAS EM ALGUM PAPER,
MAS TUDO QUE VOCÊ LER É ENTÃO LER.

14. Sabendo que sua escola tem biblioteca, com que frequência você costuma utilizá-la?

- ☐ Sempre
☒ Às vezes
☐ Raramente
☐ Nunca

15. Você gosta de escrever? O quê?

QUANDO CRIANÇA GOSTAVA DE ESCREVER ESTÓRIAS DE
RPG.

16. Como você define escrita?

MANEIRA QUE VOCÊ PODE EXPRESSAR SUAS PENS,

17. Com que frequência seu professor (a) de português pede que você produza um texto?

☒ Sempre

☐ Raramente

☐ Às vezes

☐ Nunca

18. Seu professor de Língua Portuguesa costuma pedir para que você reescreva os textos?

SIM ☒ NÃO ☐

Explique: Porque insiste.

19. Para você o que é reescrever um texto?

Corrigir os erros

20. Para você escrever bons textos é: (Marque apenas uma opção)

☐ Um dom que poucas pessoas possuem.

☒ É uma habilidade adquirida através de muita prática e reescrita dos textos.

☐ É a expressão do que o escritor está pensando, logo depende do conhecimento de mundo do escritor.

21. Essa semana o que você escreveu?

NADA.

22. O que você entende sobre gênero textual?

É os tipos de texto que existe.

23. Em sua opinião, para escrever bem é preciso saber ler bem? Justifique sua resposta:

SIM, POR SABERÁ USAR AS PALAVRAS NO TEMPO CERTO, E AS CHANCES DE CRIAR ALGUMA PALAVRA É MINIMA

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand

Campina Grande – PB, 18 de Setembro de 2013.

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Manhã)

Pesquisa: “O PERFIL ESCRITOR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE- PB”

Responsáveis: Maria Célia do Nascimento

(Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier

(Orientador)

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

01. Sexo: MASCULINO () FEMININO (X)

02. Idade: 17 anos

03. Profissão do pai: autônomo

04. Profissão da mãe: autônoma

05. Contando com você, quantas pessoas residem na sua casa/apartamento? 15

06. Em que faixa de renda mensal se encontra sua família?

() Um salário mínimo

() Acima de cinco salários mínimos

(X) Dois a cinco salários mínimos

() Outro

07. Você exerce alguma atividade remunerada?

(X) NÃO () SIM Qual: _____

08. Você tem computador conectado à Internet em casa? SIM (X) NÃO ()

09. Você cursou o ensino fundamental:

(X) Somente em escola pública

() Maior parte em escola particular

() Somente em escola particular

() Outros

() Maior parte em escola pública

10. Você está cursando o ensino médio:

- ☒ Somente em escola pública
☐ Cursou o primeiro ano do ensino médio em escola particular
☐ Outros

11. Você gosta de ler? SIM ☒ NÃO ☐

Em caso de resposta positiva, com que frequência você ler?

- ☐ Diariamente
☐ Quando a professora manda
☒ Uma vez por semana
☐ Uma vez por mês
☐ Outros casos

12. Sua leitura é associada a quê?

- ☐ Apenas como tarefa escolar
☒ Lazer
☐ Simples passa tempo
☐ Obrigação

13. Como você define leitura?

conhecimento

14. Sabendo que sua escola tem biblioteca, com que frequência você costuma utilizá-la?

- ☐ Sempre
☒ Raramente
☐ Às vezes
☐ Nunca

15. Você gosta de escrever? O quê?

sim, cartas, diários etc.

16. Como você define escrita?

um pouco cansativa.

17. Com que frequência seu professor (a) de português pede que você produza um texto?

() Sempre

() Raramente

(X) Às vezes

() Nunca

18. Seu professor de Língua Portuguesa costuma pedir para que você reescreva os textos?

SIM (X) NÃO ()

Explique: Sim, porque ela mostra onde estão os erros e manda copiarmos novamente sem os erros.

19. Para você o que é reescrever um texto?

é tomar conhecimento de palavras que não temos conhecimento e aprender mais.

20. Para você escrever bons textos é: (Marque apenas uma opção)

() Um dom que poucas pessoas possuem.

(X) É uma habilidade adquirida através de muita prática e reescrita dos textos.

() É a expressão do que o escritor está pensando, logo depende do conhecimento de mundo do escritor.

21. Essa semana o que você escreveu?

texto Argumentativo Dissertativo, e uma carta aberta

22. O que você entende sobre gênero textual?

nada.

23. Em sua opinião, para escrever bem é preciso saber ler bem? Justifique sua resposta:

Sim, por que nos temos que ter conhecimento

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand

Campina Grande – PB, 18 de Setembro de 2013.

Público-alvo: Alunos do Ensino Médio (Turno de aplicação: Manhã)

Pesquisa: “O PERFIL ESCRITOR DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPINA GRANDE- PB”

Responsáveis: Maria Célia do Nascimento

(Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB)

Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier

(Orientador)

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

01. Sexo: MASCULINO () FEMININO (x)

02. Idade: 17

03. Profissão do pai: lanteirinho

04. Profissão da mãe: Dona de casa

05. Contando com você, quantas pessoas residem na sua casa/apartamento? 3

06. Em que faixa de renda mensal se encontra sua família?

(x) Um salário mínimo

() Acima de cinco salários mínimos

() Dois a cinco salários mínimos

() Outro

07. Você exerce alguma atividade remunerada?

(x) NÃO () SIM Qual: _____

08. Você tem computador conectado à Internet em casa? SIM () NÃO (x)

09. Você cursou o ensino fundamental:

(x) Somente em escola pública

() Maior parte em escola particular

() Somente em escola particular

() Outros

() Maior parte em escola pública

10. Você está cursando o ensino médio:

- ☒ Somente em escola pública
☐ Cursou o primeiro ano do ensino médio em escola particular
☐ Outros

11. Você gosta de ler? SIM () NÃO (☒)

Em caso de resposta positiva, com que frequência você ler?

- ☐ Diariamente
☒ Quando a professora manda
☐ Uma vez por semana
☐ Uma vez por mês
☐ Outros casos

12. Sua leitura é associada a quê?

- ☒ Apenas como tarefa escolar
☐ Lazer
☐ Simples passa tempo
☐ Obrigação

13. Como você define leitura?

A leitura é uma forma de aprendizagem

14. Sabendo que sua escola tem biblioteca, com que frequência você costuma utilizá-la?

- ☐ Sempre
☒ Às vezes
☐ Raramente
☐ Nunca

15. Você gosta de escrever? O quê?

Sim. gosto de escrever sobre as atualidades.

16. Como você define escrita?

na escrita sabemos o que queremos expressar.

17. Com que frequência seu professor (a) de português pede que você produza um texto?

☒ Sempre

☐ Raramente

☐ Às vezes

☐ Nunca

18. Seu professor de Língua Portuguesa costuma pedir para que você reescreva os textos?

SIM ☒ NÃO ☐

Explique: _____

19. Para você o que é reescrever um texto?

reescrever ~~é~~ ~~é~~ é passar e rever o texto pra ver se tem algum erro ou até melhorar.

20. Para você escrever bons textos é: (Marque apenas uma opção)

☐ Um dom que poucas pessoas possuem.

☒ É uma habilidade adquirida através de muita prática e reescrita dos textos.

☐ É a expressão do que o escritor está pensando, logo depende do conhecimento de mundo do escritor.

21. Essa semana o que você escreveu?

Essa semana ainda não escrevemos.

22. O que você entende sobre gênero textual?

São os tipos de textos

23. Em sua opinião, para escrever bem é preciso saber ler bem? Justifique sua resposta:

Sim. Porque na leitura que realmente conhecemos as palavras